



IMPRESA POPULAR DEFENSORA DO CINEMA NACIONAL — Na saudade aos nossos leitores, no "Mês da Imprensa Popular", VANJA ORICO, a notável estrela do cinema e intérprete de músicas folclóricas, destaca o papel que tem ocupado o nosso jornal na luta pela sobrevivência e o desenvolvimento do cinema nacional e em defesa da cultura brasileira. Eis a saudação de VANJA ORICO, que será acolhida com especial entusiasmo por todos os nossos amigos: "Aos leitores da IMPRESA POPULAR, que tanto tem defendido o cinema brasileiro. a.) Vanja Orico".

UM ACORDO SINCERO LIVRARIA OS POVOS DA AMEAÇA ATÔMICA

Declarações do Senador Pedro Ludovico, Ex-Governador de Goiás, sobre o Apelo de Viena — Hoje os primeiros comandos para coleta de

SÓ merece aplausos todo o esforço visando a que a energia nuclear não seja aplicada para fins de destruição e, sim, exclusivamente, com propósitos científicos e industriais — declararam, o Senador Pedro Lu-

dovico, ex-Governador de Goiás, a propósito da Campanha Nacional Contra a Preparação da Guerra Atômica, lançada em nosso país em função do Apelo de Viena. Acha o representante pe-

(CONCLUI NA 2ª PÁGINA)

CONFIRMADO EM NOVA OLINDA: PROVOU-SE ADEQUADA A SOLUÇÃO ESTATAL

O ENGENHEIRO Albino Regalo de Souza, Diretor da Divisão Técnica do Conselho Nacional do Petróleo, apontou para IMPRESA POPULAR as seguintes consequências do auspicioso acontecimento de Nova Olinda:

1 — A bacia sedimentar da Amazônia, uma das maiores do mundo, possui petróleo.

2 — Esse petróleo é de ótima qualidade e deve ocorrer em grande quantidade, em vista dos primeiros testes realizados.

3 — A localização da jazida está a menor distância dos centros refinadores e consumidores do país do que os campos que atualmente nos fornecem petróleo como Aruba, na Venezuela.

4 — O acesso ao campo brasileiro é fácil e barato, uma vez que o aflúente do Amazonas é francamente

navegável durante todo o ano. 5 — Técnicos brasileiros, quando amparados moral e materialmente pelos poderes públicos, estão em condições de produzir trabalhos técnicos e às vezes superiores aos técnicos estrangeiros. 6 — A solução estatal para o problema do nosso petróleo mostrou-se perfeitamente adequada.



Restringem-se, cada vez mais, as nossas exportações de café, enquanto se acumulam os estoques no país

MENOR TAMBÉM TEM DIREITO A GANHAR 2.400 CRUZEIROS

Importante decisão do Departamento Jurídico do I.A.P.I. — Algumas fábricas já cumprem a lei — 1.200 cruzeiros só aos que estudam no SENAI e têm as horas de aula remuneradas — O que diz a respeito a Consolidação das Leis do Trabalho Leia na 2ª Pág.



FALECEU O MARECHAL GOVOROV

A RADIO de Moscou, segundo telegrama da Frente Russa, anuncia o falecimento do Marechal da União Soviética, Góvorov.

A IMPORTANCIA DA CAMPANHA ELEITORAL

A CAMARILHA governamental não cessa os esforços para impedir que o povo exerça livremente seu direito de voto. Generalistas golpistas e políticos desmoralizados continuam a tentar o estabelecimento da ditadura militar pró-americana; supostos líderes partidários aventam, por outro lado, todas as combinações possíveis, de nomes os mais diversos, para ver se transformam o pleito de outubro em uma completa mascarada, no estilo do engodo do Maranhão. Os tanques e a fraude são duas armas das quais se procura valor o Governo que, desprezando a realidade, supõe possível atenuar as massas, dividir as forças democráticas e, por esse processo, agravar ainda mais a situação criada no país com o golpe estrangeiro de 24 de agosto.

Embora não devam de arrastar as forças armadas a uma quartelada que os favoreça, os políticos civis e militares tiveram, recentemente, práticas de que há sérios empecilhos no caminho do golpe armado. Daí que joguem também nessa possibilidade de golpe branco: a burla eleitoral.

Com esse fim, o Governo vem de enviar ao Congresso Federal um único

projeto de reforma da lei eleitoral vigente. Pelo projeto de Café Filho, a obtenção de um título de eleitor torna-se ainda mais complicada e penosa, dificultando-se, inclusive, a função esclarecedora e mobilizadora dos candidatos e associações políticas. Objetivando afastar das urnas o povo simples, Café Filho chega a solicitar a outorga de amplos poderes aos juizes para cassarem títulos eleitorais já expedidos, e negarem facilmente os que venham a ser requeridos. Candidatos e partidos ficam adstritos a cédulas oficiais, confusas, das quais, na maioria dos casos não constam, sequer, os nomes dos concorrentes aos sufrágios do povo. Dêse modo, senhores das chapas e monopolizando sua distribuição, a camarilha governamental poderia, com facilidade, sonegar total ou parcialmente as próprias cédulas afeitas municípios ou zonas eleitorais em que a oposição fosse reconhecida, forte.

Os democratas derrubarão no Congresso essa lei de arrêcho que é um desafio ao país. Mas o simples fato de que ela seja apresentada alerta nosso povo para um aspecto da conspiração reacionária: os inimigos do Brasil dão, a seu modo, grande importância ao

pleito que se avizinha e procuram transformá-lo em vitória sua.

Sabem que, de fato, a campanha eleitoral que se inicia e, sobretudo, a sucessão presidencial, têm importância decisiva para os destinos de nossa Pátria; sentem a camarilha americana encastelada no poder que o dia 2 de outubro pode significar para ela o começo do fim, mediante uma sentença inapelável das urnas.

As eleições são de fato, o elo principal para impulsionar neste momento, a atividade democrática em todos os setores. Se estiverem unidos, os democratas e patriotas poderão isolar e derrotar os vassallos do imperialismo: ou seja, os que pretendem transformar nossa Pátria em colônia dos Estados Unidos, lançar nosso povo em maior miséria e conduzi-lo ao matadouro das guerras de agressão contra os povos livres. A vitória será das grandes massas populares que exigem uma política de paz, de soberania nacional, da indústria nacional e das liberdades, uma política de menor miséria para os trabalhadores e de progresso para o Brasil.

Imprensa POPULAR

Diretor: PEDRO MOTTA LIMA

ANO VIII

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 20 DE MARÇO DE 1955

Nº 1.486



O GOVÊRNO VAI QUEIMAR CAFÊ!

Em estudo as chamadas «cotas de sacrifício» — O Brasil é não somente o maior produtor mas, também, o maior estoquista e comprador — Financiamento: grande negociata — O Governo provoca intencionalmente a crise

O BRASIL voltará a queimar café. Essa notícia, destinada a repercutir como uma bomba, foi colhida em fontes absolutamente seguras, que acrescentam já estar nas cogitações do Governo brasileiro aquela medida extrema.

O assunto estaria entregue — segundo se informa — a um grupo de técnicos que o examinam em todos os seus aspectos, a fim de encontrar uma solução definitiva em breve prazo.

Calculando-se em 11 milhões de sacas as nossas disponibilidades a 30 de junho próximo, das quais cerca de 5 milhões sem colocação nos mercados internacionais atualmente ao nosso alcance, a queima provável determinaria de início, um prejuízo da ordem de 12 bilhões de cruzeiros!

SOLUÇÃO DESESPERADA

Essa saída desesperada, para uma crise que tem sua origem na política ruinosa seguida pelo Catete, vem a público pouco depois de ter o Sr. Raul Fernandes recu-

sado sequer discutir, como declarou à imprensa, as propostas da União Soviética para a compra de café brasileiro.

Precisamente por insistir em sua orientação suicida de só negociar no mercado único delimitado pelos Estados Unidos, e de abrir mão à liberdade de comércio com os

CONCLUI NA 2ª PAG.

LEIA NESTA EDIÇÃO

Assembléia Mundial da Paz em Helsinque

Declaração do Birô do Conselho Mundial da Paz (Página 3)

CONTINUA O BRASIL A EXPORTAR DINHEIRO

A confissão do Sr. Café Filho — Ler "Notas Econômicas" (Página 3)

IMPÕE-SE A REFORMA AGRÁRIA!

Personalidades dirigem-se ao povo carioca (pág. 2)

NÃO PARTICIPARÃO OS OPOSICIONISTAS NAS ELEIÇÕES MARANHENSES

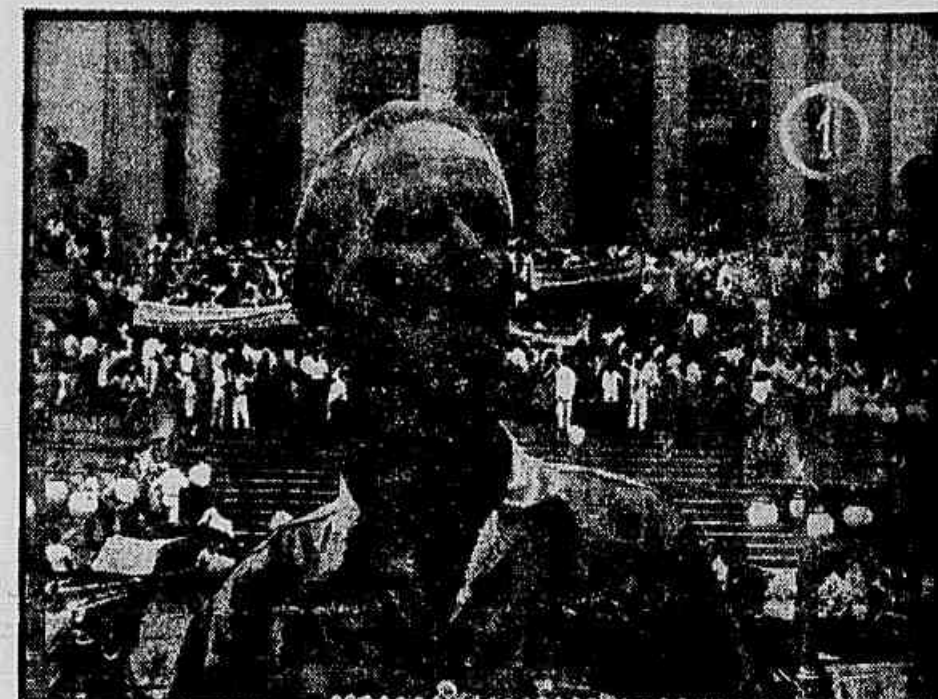
A coação policial transformou o pleito numa gigantesca imoralidade (Página 2)

Acompanha a presente edição um suplemento de seis páginas.

Nossa Festa

A hora em que encerramos os trabalhos da presente edição, prosseguia, com grande animação, a festa da IMPRESA POPULAR, na sede do Flamengo.

DEBATE NO MORRO COM O CHEFE DE POLÍCIA



OS moradores do Morro da Independência, também chamado Borel, vão ter hoje uma visita, a do Chefe de Polícia. Pretende o Coronel Côrtes, com «bons modos», convencê-los de que devem abandonar seus barracos, em benefício dos grileiros, isto é, dos ladrões de terrenos, organizados em companhias com objetivo de melhor exercerem sua rapinagem. Antes, deu-se ao trabalho de subtrair ao morro, com toda a sua importância, um procurador da República. Esse chegou a tentar subornar o advogado Magarinos Torres, secretário-geral da União dos Trabalhadores Favelados. Até agora vêm fracassando todos os recursos lançados em benefício dos grileiros, graças à firmeza dos moradores da favela.

1) — O operário da Bruma, Carlos Rosa é dos que estão dispostos a continuar, no morro, lutando por seus direitos, embora ainda convalescente do atentado de que foi vítima em frente à Câmara Federal, quando os moradores do Borel protestavam contra a ameaça de despejo. Sofrendo ainda as consequências do tiro que lhe atingiu a perna esquerda, afirmou: «Volto agora mais disposto ainda a continuar lutando. Querem nos fazer medo para que abandonemos nossos barracos, mas amanhã estarei aqui com todos os meus companheiros para dizermos que não podemos nos botar para fora. 2) — Preparando o espírito do povo, para expulsar os moradores dos morros sem protestos, os grileiros e o governo fazem grande propaganda pelos jornais e chamam aos favelados de malandros. A foto-reportagem de Henrique de Melo é uma prova do contrário. O segundo flagrante mostra as mulheres do morro trabalhando, lavando roupa para completar o salário mingua-do que recebem os seus maridos. 3) — Existe sujeira na favela sim. Não por causa dos favelados, mas porque fazem falta, que trabalham e fazem valas para sua higienização já que o governo municipal os deixa ao abandono. 4) — Os próprios moradores do morro construíram uma escola e fizeram os bancos para as crianças, mostrando que se preocupam com a educação de seus filhos e acabando de destruir as calúnias daqueles que procuram apresentar a favela como um antro de vagabundagem.

(Fotografias e texto de HENRIQUE DE MELO)



O GOVERNO em marcha...are

O Sr. Eugênio Gudin, sorriso de raposa bailando nos lábios murchos, disse que está muito satisfeito com a descoberta de petróleo em Nova Olinda. Aos jornalistas credenciados em seu gabinete, o velho ministro falou que o evento era simplesmente maravilhoso. E se antecipando à interrogação, foi explicando no seu investido estilo de "aproveitador das tristes": — Resta saber, agora, a fórmula, o processo de industrialização desse petróleo, a fim de que seja obtido o rendimento industrial que é lícito esperar de tal empreendimento.

Gudin, que já levou palmadas por essas e outras, sabe que o petróleo foi descoberto pela Petrobrás, que a Petrobrás tem a sua fórmula, o seu processo, que a Petrobrás tem de ser um entrave no entreguismo, que a Petrobrás é uma consequência da luta popular pela emancipação do país. No entanto, o voraz caixeiro da Bond and Share faz-se de bobão. Não resta a menor dúvida: deve apanhar outra vez. E com força!

Esquecimento

O Ministério da Aeronáutica está informando que o acidente com o avião a jato ocorrido recentemente foi o primeiro que se registrou no país com os aparelhos de tal tipo adquiridos pela FAB à Inglaterra. Não é verdade. O primeiro acidente verificou-se no ano passado, a poucos metros da cabeceira da pista de pouso da Base Aérea de Curitiba, em São Paulo, e o avião era pilotado pelo Coronel Pamplona, que conseguiu sair ileso.

Reflexos a memória, Brasileiro.

Economia

Temos, agora, mais uma prova da austeridade do Governo de agosto: em sua sessão de ontem, sob a presidência do Ministro Joaquim Coutinho, o Tribunal de Contas julgou legal o crédito de Cr\$ 24.450.000,00 para a fábrica de submetalladoras.

Tirofio

Dez dias antes da Semana Santa estará interditada a

Bons negócios

O Senador Georgino Avelino, conterrâneo do Sr. Café Filho, tem visitado amavelmente o Presidente interino. A princípio, pensava-se que o assunto das longas conversas entre ambos ligava-se a tricas políticas no Rio Grande do Norte. Ontem, porém, pessoa do Café Filho deu a explicação dos repetidos encontros:

O Senador Georgino é sócio-maior de empresas de ônibus aqui no Rio e está tratando aliás com muito êxito, do aumento das passagens, de acordo com os altos interesses do seu negócio. O senador ainda muito satisfeito com o presidente.

O contrabandista

O contrabandista praticado pelo Sr. José Café Filho, irmão do Sr. Café Filho, monta a oitocentos mil dólares. Como se sabe, a tapeação teve a ajuda de um cunhado do mesmo Café Filho e de outros austeros cavalheiros. O infrator obtivera licença para importar da Suécia uma fábrica de cimento no valor de um milhão de dólares. Sabido, desviou oitocentos mil dólares e meiu o pé na tábua.

O calamitoso

Um jornal de Porto Alegre publicará, hoje, a seguinte declaração do Deputado Fernando Ferrari, líder do PTB no Palácio Tiradentes:

— Gudin é uma calamidade nacional. A alta da gasolina terá graves consequências na economia nacional. Estou recebendo protestos de todo o Brasil, particularmente dos agricultores do Rio Grande do Sul. Tudo faremos para que a proposta de Gudin seja abortada. Vamos lutar. O Ministro diz ao povo: «ejamamos»; nós lhe diremos: «reajamamos».

Disse o parlamentar trabalhista, ainda, que o Congresso fixará os ângulos sobre a importação de combustíveis líquidos, na base vigente em fevereiro passado, o que quer dizer: outra parada perdida pelo Ministro norte-americano da Fazenda. Ainda bem.

João Caminha

MENOR TAMBÉM TEM DIREITO A GANHAR 2.400 CRUZEIROS

TODO trabalhador menor de 18 anos que não frequentar os cursos de aprendizagem profissional do SENAI e em cujas carteiras profissionais não conste a categoria de aprendiz, tem direito líquido e certo a receber o salário mínimo de 2.400 cruzeiros. É o que se depreende da Consolidação das Leis de Trabalho e da Lei de Salário-Mínimo, mas que a esmagadora maioria dos patrões não vem obedecendo.

Os menores prejudicados poderão reclamar dos patrões através dos seus Sindicatos, o pagamento de 2.400 cruzeiros e das diferenças desde julho de 54 e em caso de recusa podem reclamar à Justiça do Trabalho.

OS PATRÕES RECONHECEM

Diversas vezes os menores não aprendizes têm reclamado o pagamento de 2.400 cruzeiros e não 1.200 cruzeiros e em vários casos foram vitoriosos. O I.A.P.L., por exemplo, através de parecer de seu Departamento Jurídico, passou a pagar a todos seus empregados, menores o salário mínimo de 2.400 cruzeiros, bem como as diferenças de salário desde 5 de julho do ano findo, quando entrou em vigor a Lei de Salário-Mínimo.

A Companhia Comércio e Indústria Híme, empresa metalúrgica, para os menores não aprendizes o salário de 2.400 cruzeiros.

Na Estanparia Carioca, 42 operários menores de 18 anos exigiram, através do Sindicato dos Metalúrgicos, o pagamento do salário mínimo de adulto e foram vitoriosos.

ULTIMAS ESPORTIVAS

POR 6 x 3 A SELEÇÃO BATEU O AMÉRICA

Jogando ontem em São Januário, numa partida-treino, a seleção carioca derrotou o América por 6 x 3.

GOLS

Os tentos foram assinalados respectivamente por Wasil (América), nos 17 minutos; Pinga, nos 30; Rubens, aos 33; Rubens, aos 43 e Garrinha, nos 41, todos os quatro para a seleção.

No segundo tempo: Telé (seleção), aos 18 minutos; Romeiro (América), aos 24; Indio (seleção), aos 30; Romeiro (América), aos 38.

AS EQUIPES NO PRIMEIRO TEMPO

SELEÇÃO — Osni, Mirim, Pinheiro e Santos; Dequinha e Osvaldinho; Garrinha, Rubens, Leônidas (Pinga), Dió e Ademir.

AMÉRICA — Ari, Alzeimiro e Osmar; Otton Rubens e Helder; Canário, Alarcon, Wassil, Washington e Ferreira (Ulisses).

AS EQUIPES NO SEGUNDO TEMPO

SELEÇÃO — Hélio, Mílton, Edson, Edson; Ivan e Caca; Telé, Pinga, Vavá, Dió e Sabará.

AMÉRICA — Osni; Rubens Filho e Osmar; Rubens Agnelo e Ulisses; Minguiera, Romeiro, Valério, J. Alves e Ramos.

A seleção atuou tendo como capitão do quadro o meia Rubens.

Dirigiu o prólio, o árbitro Gama Malcher.

Em outras empresas fatos idênticos têm sucedido. Basta que os jovens se coloquem em ação e os patrões são forçados a lhes pagar os 2.400 cruzeiros.

O PORQUE DA BURLA

Os patrões, para pagar apenas 1.200 cruzeiros, indistintamente, a todos os menores, mesmo passando por cima do princípio de salário igual para trabalho igual, utilizam uma interpretação, à sua moda, do artigo 80 da Consolidação das Leis do Trabalho que diz:

«Tratando-se de menor aprendiz, poderão as Comissões (de Salário-Mínimo) fixar o seu salário até em metade do salário mínimo normal da região, zona ou sub-zona».

pagar os 2.400 cruzeiros. Ao fazer isso fingem desconhecer o parágrafo único do artigo acima e que dispõe: «Considera-se aprendiz o trabalhador menor de 18 anos e maior de 14, sujeito à formação metódica do ofício em que exerce o trabalho».

Trocado em miúdos, isso significa que só se pode pagar 1.200 cruzeiros ao menor que esteja estudando o ofício em que trabalha. E isso só no SENAI, como veremos mais abaixo.

ENSINO OBRIGATÓRIO

Tudo empregador é obrigado a matricular seu em-

pregado menor em curso do SENAI e a receber o pagamento do salário durante as horas necessárias para o estudo. Se não o fizer, o menor não é aprendiz e deve ganhar 2.400 cruzeiros. Vejamos o que diz o artigo 427 da Consolidação: «O empregador, cuja empresa ou estabelecimento ocupar menores, será obrigado a conceder-lhes o tempo que for necessário para a frequência das aulas».

Mais adiante, o artigo 428 deixa bem claro que «Os estabelecimentos industriais de qualquer natureza, inclusive transporte, comunicação e pesca, são obrigados a matricular e a matricular no SENAI um número de aprendizes equivalente a 5 por cento, no mínimo, dos operários existentes em cada estabelecimento e cujos ofícios demandem formação profissional».

Portanto, aprendiz é todo aquele menor cujo ofício exige formação profissional e que o patrão é obrigado a matricular no SENAI, pagando o salário das horas de estudo. Se os trabalhadores que estão nesse caso, e são raros, podem ganhar 1.200 cruzeiros. Os demais, os que não estudam no SENAI ou os que estudam fora do horário de trabalho, têm direito líquido e certo a receber no mínimo 2.400 cruzeiros mensais de salário.

Conclusões

O Governo Vai...

900 milhões de consumidores dos países socialistas e democráticos, o Governo atual se vê na iminência de dar mais um salto no escuro, recorrendo ao criminoso sistema das cotas de sacristia.

UMA FORTUNA JODADA

O povo brasileiro já pagou nos anos da crise de 1929/33 a queima de milhões de sacas de café, em que foram jogados fora dezenas de bilhões de cruzeiros, uma fortuna de proporções incalculáveis, sem precedentes na história econômica do mundo. E o resultado? A situação, o retrocesso à situação de destruição de bens de propriedade pública constituída no decorrer da história econômica do Brasil está praticamente adquirindo todos os caracteres de uma catástrofe.

MAIOR PRODUTOR, MAIOR COMPRADOR E MAIOR ESTOQUISTA

Em janeiro do corrente ano, a exportação de café brasileiro para os Estados Unidos atingiu 380 mil toneladas, contra 338.444 toneladas a janeiro de 1954 e 750.874, no mesmo mês de 1953.

O Brasil transformou-se, graças à pressão dirigida do mercado interno, no maior produtor (17 milhões de sacas), no maior comprador (já existem mais de 10 milhões de sacas armazenadas) e no maior comprador de café do mundo. E o resultado? A situação, o retrocesso à situação de destruição de bens de propriedade pública constituída no decorrer da história econômica do Brasil está praticamente adquirindo todos os caracteres de uma catástrofe.

A NECESSIDADE DO FINANCIAMENTO

O financiamento do Banco do Brasil é aliás um capítulo de negociações inconfessáveis, como se tornou notório. O Banco paralisou a emissão de títulos tipo 7, Rio e Cr\$ 2.500.000,00 tipo 4 Santos (em média Cr\$ 2.400.000,00) mas não se ignora que os títulos já foram vendidos em 1953.

DE AGIROS

«Negócios fantásticos, os cofres do Tesouro já aplicam

Impõe-se a Reforma Agrária Para A Libertação Econômica do País

Ilustres personalidades, de diferentes setores, lançam ao povo carioca um manifesto conclamando-o à luta pela abolição do latifúndio escravizador

Em favor da reforma agrária, ilustres personalidades do Distrito Federal acabam de lançar o seguinte manifesto:

POVO CARIOCA: Desenvolve-se em todo o país uma campanha em prol da Reforma Agrária. O Brasil, embora um país de extenso território, tem uma produção ínfima e cara. Não apenas não atende às necessidades da população, como esta tora do alcance da capacidade aquisitiva da maioria do povo. A maior parte dos que labutam no campo não possui terra, são meeiros, arrendatários e posseiros entregues à sanha dos grandes proprietários de terras que lhes sugam o trabalho. O latifúndio leva o país à ruína total e tudo tem feito para manter o atual estado de coisas.

A campanha nacional pela Reforma Agrária em bases amplas e justas já conta com a adesão ativa de milhões de brasileiros. Representantes de todos os setores da vida nacional sentem que a todos incumem profundamente os imensos benefícios oriundos de uma equitativa, justa e democrática distribuição de terras a quantos queiram trabalhar. Tal medida, aliada ao amparo oficial aos camponeses, como crédito, baratas e ferramentas, constitui uma aspiração nacional que, realizada, seria decisiva para tirar o país do atoleiro e da dependência econômica em que se encontra.

Ademais, no momento em que a industrialização do país se torna uma aspiração de todo o povo e se apresenta como um fator decisivo do combate ao desemprego e à inflação e de progresso nacional, o levantamento do nível econômico do homem do campo com a criação de um grande mercado interno capaz de estimular e de sustentar o desenvolvimento da indústria se nos afigura coisa inadiável e de valor inestimável, pois, no campo, vivem mais de 2/3 da população do Brasil.

POVO CARIOCA: A II Conferência Nacional de Lavradores, realizada em fins do ano passado na Capital paulista, estudou a fundo a situação dos camponeses e da produção agrícola do país. Daí por diante a campanha pela Reforma Agrária ganhou novo impulso. Centenas de comissões estudam a aplicação da medida e as autoridades estão sendo colhidas para um memorial que deverá ser encaminhado ao Congresso Nacional e ao Presidente da República, com o intuito de obter a aprovação de uma lei que dê a terra aos que nela trabalham. Não Distrito Federal, as organizações de lavradores desenvolvem intenso trabalho para a realização do seu primeiro congresso. Organizam-se, assim, a luta contra a praga do grilo e a voracidade de certas empresas imobiliárias que liquidam com toda a zona agrícola da Capital da República, de Jacarepaguá ao Sertão Carioca. Onde outrora e mesmo recentemente floresciam grandes plantações, hoje vemos lotações numa evidente demonstração de falta de amparo aos que produzem para o consumo de quase três milhões de brasileiros.

Querem os lavradores do Distrito Federal que lhes seja dada escritura definitiva da terra que ocupam como posseiros, que seja legalizada a situação dos arrendatários na base de contratos justos. Crédito, abolição do intermediário, tabelamento, redução ou anulação de taxas e impostos, mercado seguro, auxílio técnico, fornecimento de máquinas, ração, semente e inseticidas, saneamento, transportes, serviços de saúde, água, luz, habitação, etc., são as justas reivindicações dos lavradores cariocas.

POVO DO DISTRITO FEDERAL: A Reforma Agrária interessa a todos os cidadãos interessados diretamente a uma transformação. De seu apoio ao Congresso dos Lavradores Cariocas, cidadãos, parlamentares, industriais e comerciantes, todos os patriotas devem ativamente trabalhar para que haja uma justa e democrática distribuição de terras a quantos queiram plantá-las.

Os oposicionistas maranhenses deliberaram ontem não participar das eleições. Alegam que desde a criação da vaga de senador o processo eleitoral vem sendo violado.

Agindo abertamente a serviço do candidato da Standard Oil, a justiça eleitoral e o Sr. Eugênio de Barros tornaram impossível o pronunciamento do eleitorado oposicionista. Não foi mandado nenhum material para os municípios onde era certa a derrota do Sr. Chateaubriand. Em lugar desse material, foi enviado reforço policial, visando atenuar os oposicionistas.

A tropa federal, requisitada para garantir o pleito, ficou em São Luís, onde não era necessária. Os depois de conhecida a deliberação dos oposicionistas de não participarem da eleição, que se transformaria em farsa, e que se seguiram para 32 municípios alguns contingentes do Exército.

Em face de tal situação, os oposicionistas se recusaram a participar, com sua presença, o gigantesco ato de imoralidade que constituiria a eleição do homem da Standard Oil para a cadeira comprada em São Bayma, por dinheiro e em troca de um emprego na Standard.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

OS TRIUNFOS SERÃO REVIDIDOS

Na nova etapa que se inicia

TODO SABIDO SÁBIO QUE

AMADOR e o rei dos Brades. Rua da Alameda, 318, 12 andar, de 1948 a 1951, 7 — Juiz, junto à Praça da República.

Uma nova e intensa fase na vida da escola de samba «Caprichosa da Boa Vista» será iniciada com o resplendor de baile que se realizará ali, hoje à noite. O presidente desta sociedade recreativa, Sr. Antônio Rodrigues de Carvalho, adianta que o sucesso da festa será um fato indiscutível, pois o grande número de pessoas ali comparecerá para assistir ao espetáculo levarem também a associação que preside.

CINEMA

Uma Fábula Moderna

AO ESCREVERMOS esta crônica não sabemos ainda se os exibidores proporcionarão a "Milagre em Milão" uma segunda semana em cartaz. Se atenderem ao público a película de Vittorio de Sica terá ainda algumas semanas de exibição pois que, além de tudo, está na tela de um único cinema, o Copacabana. Assim, talvez que hoje seja a sua última oportunidade de assistir com certo conforto a esta produção italiana.

Aproveitem-se. Vale a pena. De Sica realizou um filme sério. Na tela surge o drama dos famélicos, embora abordado de maneira ligeira. Mas alguns dos seus aspectos ficam bastante claros. E maior força ainda ganha o filme quando trata a voracidade dos especuladores capitalistas. Duas seqüências avultam neste aspecto: aquela que mostra o negociante entre o dono das terras abandonadas e o possível comprador, com a rápida troca de ofertas, transformando-se rapidamente a voz de ambos (que trocavam cifras de milhões) em um rosar irado e desconfiado de cêda; e a seqüência notável do gabinete de trabalho do senhor capitalista, com seu seqüito de servos, seus microfones, seu cinema.

Como dissemos ao comentar esta película, De Sica recorreu à fábula. Compreende-se: era preciso vender a película nos países capitalistas (e mesmo assim a distribuidora italiana que a faz exibir entre nós sabotou-a até ao último instante) o que impedia ao argumentista abordar com profundidade o problema em foco. E, além disto, a fábula exclui os meios tons, coloca apenas o bom e o mau. Neste terreno se desenvolve a ação que tem grandes momentos, como todos os que tratam a delicada história de amor do "bom todo" e a jovem empregada doméstica. Ainda o tom de fábula permitiu o recurso a figuras extraterrenas, sem que isso traga ao filme um caráter religioso.

"Milagre em Milão" traz uma mensagem de fraternidade humana, de luta e de esperança no futuro. Suas palavras finais, a título de moral da fábula, o confirmam.

Um detalhe: o filme parece ter sofrido um corte pouco depois do início. Este é jogado em tomadas independentes que breves legendas ligam. Mas a ação sofre uma certa brusco (na primeira cena de construção da favela) que fica sem explicação.

Repetimos o nosso conselho: assista "Milagre em Milão".

A. GOMES PRATA



Um momento do filme "A Presidente" que traz novamente de volta cariocas a atriz italiana Silvana Pampanini

Fragmentos

• Nova produção nacional em preparativos. Trata-se da filmagem de um argumento de Almir Azevedo, velho roteirista — e um dos melhores — do nosso cinema. A história gira em torno do carnaval carioca, mas não se trata de repeller os chamados filmes de carnaval e sim de um enredo humano tendo como pano de fundo a grande festa popular. Estamos seguramente informados de que a atriz Vanja Orlic já assinou contrato para figurar como primeira atriz nesta produção.

• Ao que parece, começa a animar-se o ambiente de cinema no Rio, onde tudo estava parado. Assim é que o cinegrafista Ruy Santos está contratado pela Unidas para a realização de uma comédia ligeira cujos trabalhos de filmagem deverão começar imediatamente. Não sabemos o título que receberá o filme, e a informação é fidedigna.

• Ainda no terreno dos produtores e independentes, Amil Alves, ao que tudo indica, volta as suas vistas para a co-produção. Como informamos, "Paixão Selvagem", filme do iniciante produtor alemão vem de ser dublado para o português. Uma parte deste filme é passado em Mato Grosso, e Amil Alves colaborou como co-produtor. Parece ter gostado da experiência, pois anima-se a aceitar novas propostas que já tem em mão.

• 1955 parece que verá a realização de "O Sertanejo", película já famosa mesmo antes do início da filmagem. Lima Barreto, que fez a leitura pública do argumento, resolveu os problemas que entravam a marcha desta produção a ser realizada em locação.

TERRENOS E CASAS
Terrenos a partir de Cr\$ 500,00 por mês com água e luz. Casa a partir de Cr\$ 10.000,00 de entrada e Cr\$ 800,00 por mês, a construir com prazo de 20 dias. Contrato passado em Cartório. Tratar na Rua Marinho de Moura, 3, ao lado da Igreja Santo Antônio, com Neves.

Até

70%

de desconto

Grande Venda Especial

LIVRARIA



INDEPENDENCIA

RUA DO CARMO, 30 (SUBRELOJA)

COM 20%		Cr\$	por	Cr\$
MANIFESTO COMUNISTA — K. MARX E F. ENGELS	10,00	por	8,00	
TRABALHO ASSALARIADO E CAPITAL — KARL MARX	10,00	por	8,00	
OBRAS ESCOLHIDAS — V. I. LENIN	25,00	por	20,00	
PROGRAMA AGRÁRIO — V. I. LENIN	35,00	por	28,00	
OBRAS — STALIN — 1, 2, 3. Vis.	30,00	por	24,00	
OBRAS — STALIN — 4, 5. Vis.	35,00	por	28,00	
E muitos outros com 30%				
HERR VOGT — CARLOS MARX	60,00	por	42,00	
EL IMPERIALISMO FASE SUPERIOR DEL CAPITALISMO	15,00	por	7,50	
SISTEMA DE LA NATURALEZA — Holbach	75,00	por	52,50	
EL SEÑOR CISNE — Enrique Wernicke	24,00	por	16,80	
BREVE HISTORIA DE LA LITERATURA INGLESA — B. H. Evans	18,00	por	12,60	
SOCIALIZACAO DA MEDICINA — J. Caetano de Magalhães Jesus	15,00	por	11,50	
EL CLIMA G. H. y R. Bush	18,00	por	12,60	
EXPLOSIVOS — John Read	18,00	por	12,60	
CHACAREROS — Enrique Wernicke	24,00	por	16,80	
A ILUSAO AMERICANA — Eduardo Prado	50,00	por	35,00	
FRANKENSTEIN — Mary W. Shelley	15,00	por	11,50	
DE LA DOCTA IGNORANCIA — N. de Cusa	45,00	por	31,50	
EVOLUTION DE LAS IDEAS ARGENTINAS — José Ingenieros	4			
E muitos outros livros.				
O MUNDO DA PAZ — Jorge Amado	30,00	por	15,00	
O LIVRO DE FUZILICO — Zora Braga	20,00	por	10,00	
ZE' BRASIL — Monteiro Lobato	2,00	por	1,00	
PROBLEMA SANTITARIO DO BRASIL — Alceio Coutinho	20,00	por	10,00	
VIAGEM A UNIAO SOVIETICA — Branca Fialho	10,00	por	5,00	
LA PASSIONARIA — Luiz Carlos Prestes	2,00	por	1,00	
CINCO CARTAS DA PRISAO — Luis Carlos Prestes	2,00	por	1,00	
ELES MORRERAM PELA LIBERDADE — Carlos de Refens Franceses	4,00	por	2,00	
LA PAZ, PELA SALVACAO DE ESPANHA — Dolores Ibaruri	5,00	por	2,50	
A UNIAO SOVIETICA NA LUTA POR UMA PAZ DURADOURA — N. Bulgantsev e A. Zhdanov	4,00	por	2,00	
TRÊS FONTES, TRÊS PARTES INTEGRANTES DO MARXISMO — V. I. Lenin	2,00	por	1,00	
MARXISMO E LIBERALISMO — J. Stálin e H. G. Wells	2,50	por	1,25	
DO SOCIALISMO UTOPICO AO SOCIALISMO CIENTIFICO — F. Engels	6,00	por	3,00	
AS LUTAS DE CLASSE NA FRANÇA — F. Engels	3,00	por	1,50	
ALBUM DE GRAVURAS GAUCHAS — Wladimir Domaradzki	50,00	por	25,00	
POEMAS DE DECISÕES TRABALHISTAS — 1950 e primeiro semestre de 1951 Benedito Calheiros Bonfim	5,00	por	2,50	
DIDEROT — I. K. Luppel	100,00	por	50,00	
LENIN, STALIN E A PAZ	15,00	por	7,50	
LUTA CONTRA O TROTSKISMO	5,00	por	2,50	
DISCURSO AOS ELEITORES — Stálin	3,00	por	1,50	
SOBRE O PROBLEMA DA CHINA — J. V. Stálin	2,00	por	1,00	
ZAMOR — PEDRO MOTA LIMA	1,50	por	0,75	
MEMÓRIAS DE DUAS JOVENS CASADAS — H. Balzac	18,00	por	9,00	
UMA GARGANTA E ALGUNS NIQUEIS — Maurício Vinhas de Queiroz	20,00	por	10,00	
MEU TIO BENJAMIM — Cláudio Tiller	18,00	por	9,00	
E muitos outros livros.	15,00	por	7,50	
COM 70%				
NOTES ON TEN YEARS OF CIVIL WAR-CHEN PO-TA	15,00	por	4,50	
STALIN AND THE CHINESE REVOLUTION-CHEN PO-TA	10,00	por	3,00	
STRATEGIC PROBLEMS OF CHINESE REVOLUTIONARY WAR	5,00	por	1,50	
MAO TSE-TUNG	5,00	por	1,50	
COMBAT LIBERALISM — MAO TSE-TUNG	5,00	por	1,50	
THE UNITED FRONT — MAO TSE-TUNG	5,00	por	1,50	
THE PEOPLE SPEAK OUT	20,00	por	6,00	
ON THE TACTICS OF FIGHTING JAPANESE IMPERIALISM — MAO TSE-TUNG	5,00	por	1,50	
STRATEGIC PROBLEMS IN THE ANTI — JAPANESE GUERRILLA WAR — MAO TSE-TUNG	5,00	por	1,50	
REPORT OF INVESTIGATION INTO THE PEASANT MOVEMENT IN HUMAN — MAO TSE-TUNG	5,00	por	1,50	
INTRODUCTORY REMARKS TO THE COMMUNIST — MAO TSE-TUNG	5,00	por	1,50	
FLAMES AHEAD — LIU YU	20,00	por	6,00	
NOS PROGRES DANS LA CULTURE ET L'EDUCATION	20,00	por	6,00	
E muitos outros livros.				

Teatro

Muitos Anos de Luta

DIZIA-NOS, no ano passado, o talentoso ator Claudiano Filho:

— "Em março, do ano que vem, estarei com Alda Gardo, no Teatro Rival, pois, deram-me — e isso muito ao orgulho — um papel em "Mulher de Briga", de Pedro Alarcón, peça com a qual Alda Gardo abriu sua temporada em 1955. E' para mim uma grande oportunidade. Não desejo perdê-la e tudo farei para brindar o público com um trabalho consciente e sincero. Sei que não é fácil porque o público merece o que há de melhor, mas lutarei com todas as minhas forças e sei que Alda Gardo ficará satisfeita comigo. E' ela uma artista impar na comédia brasileira, além disso, muito humana e compreensiva. Perceberá no seu elenco é grato a qualquer artista."

Na mesma se passaram, deu tudo certo, Claudiano Filho tem seu nome nos jornais, nos cartazes e no programa da noite. Sua luta, no entanto, tem sido grande. Filha de humildes trabalhadores, Manoel Claudiano e d. Delina Francisco dos Santos, são seus pais. Estudou nos colégios Souza Marques e Piedade. Sua inclinação para o teatro se manifestou desde muito cedo. Sua primeira experiência no palco foi num Festival de Castro Alves, quando declamava poemas do grande vato baiano ao lado de Raul de Souza e Haroldo Costa, este no elenco do Teatro Folclórico Brasileiro.

Em "Terras do Sem Fim", peça extraída do romance do mesmo nome, de Jorge Amado, dançou macumba. Nesse espetáculo atuavam: Zimbrinsky, Maria Della Costa, Magalhães Graça e Cecília Becker.

Apareceu em "Filho Pródigo", de Lúcio Cardoso. Mas o papel que mais lhe exigiu trabalho foi o de Pai João, em "Aruanda" de Joaquim Ribeiro.

Dal vários papéis foram se sucedendo. Assim é que atuou em "O Príncipe e o Leñador", de José Valazzi, sob a direção de Elbio de Albuquerque; "A Princesinha Tereza de Aquino", de Dimes Joffe; "Pedro e o Lobo", adaptação do famoso conto russo feita por J. A. de Santa Rosa; "Alguém de Sol", de Francisco Rodrigues, dirigido por Winkler; "Gentilherme", que agora se acha no Teatro Brasileiro do Sertão; "Imperador Jones", de Eugene O'Neill; "Sinhão e o Dragão", de Lúcia Benedetti (no elenco de Ivo de Lencastre); "Yorubá Garcia", adaptação do romance de Machado de Assis, por Manoel Carlos e "A Morte do Pescador", de Percival Lodi.

"Mulher de Briga" há de ser mais um sucesso para Claudiano Filho; são estes os votos que enviamos no dia de hoje, que é o de seu aniversário natalício.

MULTON DE MORAES EMERY



Gercy Camargo, que aparecerá em "O Homem e as Armas", de Bernard Shaw, integrando o conjunto do Pequeno Teatro de Comédia, no próximo dia 25, em Quitandinha

**MASSA DE MAN-
DIOCA PUBA
(Carimã)**

Recebemos grande esto-
que diretamente do Nor-
te. Especial para Min-
gãos, Bolos, etc.

**Casa Barcas de
Comestíveis Ltda.**
Praça 15 de Novembro

MARCOS

ALFAMATE — Agente na Rua
Nerval de Gouveia, 91, na Es-
tação de Quitandinha.

**COMPRA
DIRETAMENTE E
SAIA GANHANDO**

Cueiras, Cr\$ 150,00 a cada
camisas brancas em excepcional
Trilinho a Cr\$ 120,00 e Cr\$
120,00. Rua da Afinação, 95,
1 andar, Rua Vinte de Abril, 1
loja. CONFECÇÕES ARAURY.

Aguilhas e Microfones

Ary Barroso em Buenos Aires

Ary Barroso, que está em Buenos Aires juntamente com sua orquestra típica brasileira, foi entrevistado pela imprensa portenha.

Um repórter lhe fez estas perguntas:

- 1) Como se saiu na Câmara Municipal, como vereador pelo Distrito Federal?
- 2) E como advogado?
- 3) E o que nos diz do jornalismo?
- 4) E como cronista esportivo?
- 5) E o que me diz em sua atividade como compositor?

O velho Ary deu as seguintes respostas:

- 1) Foi um desastre.
- 2) Não nasci para isso.
- 3) Trabalhei 16 anos nessa profissão.
- 4) Já me cansei de difundir disparates.
- 5) Essa é a minha vida. Dedico-me a compor porque isso concretiza meus desejos e minhas ambições. Porém, tive de fazer-me diretor de orquestra para salvar a samba que havia se enfiado no esquecimento. E a música brasileira, que é uma verdadeira obra de arte, não pode morrer. A minha orquestra tem a pretensão de ser uma espécie de penicilina. Agrupar, para consequir o propósito, os instrumentos rústicos criados pelos macumbeiros e outros, que cantam suas melodias nos casebres, que

Estas respostas não confundiriam ninguém. São mesmo de Ary Barroso, verdadeiro compositor popular, que luta com alguns outros pela sobrevivência da genuína música popular brasileira.

RADIO-ESCUITA

**MESMO QUEM GANHA POUCO PODE OBTOR
UMA BOA DENTADURA**

Dentaduras com estétia e manutenção perfeita, excelente aderência, (Roches) — LABORATORIO DE PROTESE PROPRIO — Em casos especiais, dentaduras em um dia apenas — Consultas em 30 minutos — Facilidade de pagamento.

DR. N. ICIDORO

RUA ELINDIO BOA MORTE, 285 — 1º andar
— Tel.: 48-1073. (Próximo ao S.A.P.S. da Praça da Bandeira). Diariamente, das 8 às 19 horas.

SAPATARIA CINTRA

Sapatos para
Homens
e
Senhoras

DUAS CASAS AO SEU DISPOR

**AV. GOMES FREIRE, 275
RUA DO REZENDE, 51**

A INDEPENDENCIA

Pudim
PRESIDENTE

12
SABORES DIFERENTES

uma
DELÍCIA!

Chocolate - Coko - Creme Baunilhado - Laranja
Morango - Abacaxi - Damasco - Creme Chantilly
Cereja - Ameixa - Tangerina - Limão

Seguro Social

ALBERTO CARMO

O SEGURO SOCIAL NA REPUBLICA POPULAR DA POLONIA

(9)

EM CASO de falecimento do trabalhador aposentado ou ativo, que adquiriu o direito à aposentadoria é concedida à viúva uma pensão mensal de viver e aos filhos uma pensão mensal de orfandade. São diferentes os conceitos de orfandade em casos reais.

A pensão de viver é concedida com a condição de que tenha ela completado cinquenta e sete anos de idade, que seja incapaz de trabalhar e que não tenha outro meio de subsistência.

A pensão de orfandade é concedida nas mesmas condições àquele que é considerado filho do trabalhador falecido em consequência de acidente de trabalho ou de doença profissional.

Os menores cujo exercício de sua profissão é feito no fundo das minas, recebem uma renda especial nas seguintes condições:

a) se são afetados de incapacidade para o trabalho por acidente ocorrido no fundo da mina;

b) se, depois de ter trabalhado durante dez (10) anos no fundo das minas, ficaram incapacitados para esse trabalho, por qualquer motivo, que não decorra de sua profissão;

c) se se aposentaram por velhice depois de ter trabalhado, pelo menos, durante vinte e cinco anos, no fundo das minas.

A pensão concedida nessas condições é aumentada de mais sessenta por cento do salário bruto.

Se a incapacidade para o trabalho de um mineiro é resultante de um acidente de trabalho no fundo da mina, ou de uma doença profissional, o valor de sua mensalidade é aumentado. O aumento é de trinta por cento (30%) se a incapacidade para o trabalho atinge a um por cento (100%). Além disso, o valor da pensão é calculado sobre a base de uma duração de trabalho no fundo da mina de vinte e cinco anos, inclusive se o trabalhador não realizou esse trabalho todo no fundo da mina.

A todo o trabalhador, em qualquer ocasião, que tenha conquistado a distinção de "MÉRITO EMERITO" da Polónia Popular, é concedido um aumento de dez por cento (10%) no valor de sua mensalidade de aposentado.

ATUALIDADE FUNDADA. Por falecimento de um segurado, ou de pessoa de sua família, é concedida um auxílio-funeral, pago de acordo com o tempo de trabalho prestado. O valor desse auxílio é pago da seguinte maneira:

a) por um trabalhador falecido, calculado sobre o salário da última semana de trabalho. Podemos apresentar um exemplo: considerando o salário mínimo em vigor no Distrito Federal, dois mil e quinhentos cruzeiros, temos uma média por semana de setecentos cruzeiros. Falecido o trabalhador, seus beneficiários teriam direito a um auxílio-funeral igual a sete vezes setecentos cruzeiros (7 x 700) ou seja, a um auxílio-funeral igual a quatro mil e duzentos cruzeiros (Cr\$... 4.200,00) aproximadamente.

b) por falecimento de uma pessoa de sua família, tem o trabalhador direito a um auxílio-funeral igual ao valor de três (3) semanas de trabalho, nas mesmas condições.

c) no caso de falecimento de um trabalhador aposentado, seus beneficiários teriam direito a um auxílio-funeral igual a três vezes o valor de sua mensalidade.

d) no caso de falecimento de um mineiro por acidente de trabalho, o auxílio-funeral (seus beneficiários) igual ao salário de seis meses de trabalho.

(CONTINUA)

A Epsom Pretende Adotar Novo Método de Exploração

O EXEMPLO DA C.B.R.: OPERÁRIOS TOMAM VITAMINAS PARA RESISTIR AO RITMO INTENSIVO DO TRABALHO — BOAS FALAS PARA ESCONDER MAS INTENÇÕES — QUEREM UMA REUNIAO NO SINDICATO

Com modificações na disposição das máquinas e seções, a Fábrica Epsom, de artigos de vestuário, pretende adotar o método de produção já utilizado pela Companhia Brasileira de Roupas, sugando ao máximo a força de trabalho de seus operários.

Esse método de exploração, já adotado em larga escala pelas grandes indústrias norte-americanas, visa diminuir o número de operações executadas por cada operário e conseguir que ele, repetindo sempre uma só operação, trabalhe com mais intensidade e dê uma produção maior.

O EXEMPLO DA C.B.R.

Desde que a C.B.R. introduziu o "Taylorismo", seus operários passaram a trabalhar muito mais. São numerosos os casos de trabalhadores que interrompem o serviço para tomar vitaminas, sob pena de não resistir ao acelerado ritmo da produção. Esse é o futuro que a Epsom está preparando para seus operários. Um novo chefe da fábrica, conhecido por "Jorja", já iniciou a preparação psicológica para a intensificação do ritmo do trabalho, exigindo dos operários uma perfeição no acabamento e uma produção quase que impossível de se alcançar. Esse mesmo indivíduo, para conseguir seus meritos objetivos, trata a cada mundo com uma demagogia amabilíssima, que não consegue, entretanto, esconder suas más intenções.

A Epsom está adquirindo novas e custosas máquinas e no entanto não aumentam em um centavo sequer os salários dos trabalhadores.

OUTROS PROBLEMAS

Os operários da Epsom reclamam ainda contra outras irregularidades que ali ocorrem. Uma delas é a existência de um só relógio de

Vida Sindical

ASSEMBLÉIAS EMPREGADOS DA TELEFONICA

Amnhã, segunda-feira, dia 21, às 19 horas, já em segunda e última convocação, os associados do Sindicato dos Empregados em Empresas Telefônicas reunir-se-ão em assembleia geral extraordinária na sala de assembleias do Sindicato dos Comerciantes, à Rua André Cavalcanti, 55, para discutir e deliberar sobre a campanha por aumento de salários.

TRABALHADORES EM ESCRITÓRIOS DE NOVA IGUAÇU

Hoje, domingo, às 10 horas, no salão do Cinema à Av. Alfredo Ludolf, em Nova Iguaçu, os associados do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Construção Civil, em assembleia geral extraordinária, para debater uma proposta de aumento de salários.

EMPREGADOS EM ESCRITÓRIOS DE NAVEGAÇÃO

No Sindicato dos Empregados em Escritórios de Empresas de Navegação haverá assembleia geral extraordinária no próximo dia 22, às 16 ou 17 horas, em segunda e última convocação, para discutir e aprovação da proposta de aumento de salários.

FEDERAÇÃO DOS MARÍTIMOS

A Junta Governativa, cumprindo determinação das Partes 11 e 12, está convocando os Delegados Eleitores para a 1ª Reunião Eleitoral, que se realizará no próximo dia 23, às 16 ou 17 horas, para verificação de poderes. Não havendo número, será realizada outra reunião, à mesma hora, com qualquer número.

ELEIÇÕES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Construção Civil — Está marcada para o próximo dia 22 a assembleia geral extraordinária da Diretoria e Conselho Fiscal. A votação terá início às 8, prolongando-se até às 17,30 horas. Funcionário quatro mesas eleitorais.

Sindicato dos Empregados em Empresas Telefônicas — As eleições para renovação dos órgãos dirigentes do Sindicato serão realizadas no próximo dia 23 de corrente. Duas chapas disputarão a preferência do eleitorado, sendo a que se opõe à chapa oficial encabeçada pelo associado Jorge Coelho.

Sindicato dos Metalúrgicos — A Diretoria resolveu convocar as eleições para a renovação dos órgãos dirigentes do Sindicato para o próximo dia 14 de junho. Os interessados em organizar chapas para concorrer ao pleito deverão comparecer, no quinto andar, a Secretaria da entidade.

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Construção Civil — A eleição dos novos dirigentes da entidade está marcada para o próximo dia 14 de junho.

Sindicato dos Carregadores e Encarregados de Salas de Jogo — Está correndo o prazo de 20 dias para o registro de candidaturas. A eleição dos novos dirigentes da entidade está marcada para o próximo dia 14 de junho.

Sindicato dos Ferrovários — No próximo dia 23 de corrente será realizada o pleito para a eleição dos órgãos dirigentes do Sindicato. Disputarão as eleições duas chapas, sendo a encabeçada pelo associado Afonso Castro Avila a que merece as simpatias dos ferroviários da Leopoldina, por se opor à chapa ministerialista encabeçada

OUTRAS NOTÍCIAS

171-A, 55 andar, em Niterói, instalar-se-á a assembleia dos delegados eleitores, que deverão eleger os novos membros e suplentes, respectivos, do Conselho Fiscal do IAPC.

ANISTIA PARA OS COMERCIÁRIOS

Por deliberação da assembleia dos associados do Sindicato dos Comerciantes atrasados em suas mensalidades serão anistiados. A medida aprovada prevalecerá até o fim deste mês.

DIRETORIA ELEITA

Foi eleita a nova diretoria do Sindicato dos Empregados em Casas de Diversões do Rio de Janeiro. O Presidente é o Sr. Antônio Rufino Albuquerque Júnior. O Presidente que termina o seu mandato, Raymundo Nonato da Costa Rocha, passa ao Conselho da Federação.

Engenhoca Abandonada Pelos Poderes Públicos

O populoso bairro está com as ruas esburacadas — Péssima condução, viveiros de mosquitos e outras calamidades

O Bairro da Engenhoca, em Niterói, um dos mais populosos da capital fluminense, enfrenta uma série de problemas oriundos do descaso da Prefeitura, que o relega ao abandono. Nesse bairro moram na sua grande maioria, famílias de trabalhadores ferroviários, marítimos, têxteis e vidreiros.

PÉSSIMA CONDUÇÃO

Um dos mais prementes problemas de Engenhoca, que constitui uma verdadeira tortura para seus moradores, é o da condução. A empresa concessionária da linha de ônibus que serve ao bairro não está em condições de bem servir aquela população. Possui apenas 4 carros, dos quais somente quatro funcionam, para atender às duas linhas S. Jorge-Cidade e Tenente Jardim-Cidade. Isso resulta em que aqueles coletivos demoram horas a fio, obrigando os passageiros a perderem grande parte do dia em longas filas, aguardando condução para o trabalho ou para o retorno à casa. Além disso, os carros são velhos, sujos e imprestáveis, e a cada passo deixam os passageiros na metade do caminho, enguiçados.

FALTA D'ÁGUA

Embora exista em Engenhoca uma rede de encanamento de água atingindo quase todas as ruas e travessas, falta água frequentemente no bairro. Em algumas ruas, como na Travessa 5, ultimamente, os moradores passaram oito dias com as torneiras secas.

RECLAMAM UM JARDIM

Outra reivindicação dos moradores de Engenhoca é a construção de uma praça pública. Os moradores vivem constantemente a reclamar do Governo essa providência, pois não se pode justificar que um bairro importante e populoso como Engenhoca não tenha um jardim e uma grande praça à altura de suas necessidades.

RECLAMAM TAMBÉM OS JOVENS

Reclamam também os jovens que moram em Engenhoca a construção de campos de futebol, pois não dispõem nos domingos de locais apropriados para a prática de esportes.

CALÇAS! CALÇAS!

Tropical, Cr\$ 180,00; Coringa, Cr\$ 75,00; Cambrala, Cr\$ 220,00; e 250,00; Nyrd e Cr\$ 350,00; Nylor de Algodão, Cr\$ 220,00; CONFECÇÕES AMAURY, Rua da Alfândega, 318, 1º andar, Rua Vinte de Abril, 7 — loja.

RUAS ESBURACADAS, SEM ESGOTOS

As ruas de Engenhoca estão na sua maior parte sem calçamento, esburacadas e não têm esgotos, a exemplo da Rua Francisco Sardinha, as travessas 1, 2, 3, 4 e 5, assim como a Rua Crisanto e outras mais. Quando chove essas locais ficam completamente inundadas.

VIVEIROS DE MOSQUITOS

Não deixe para amanhã, compre já o seu colchão de molas a partir de Cr\$ 2.300,00 para casal; e Cr\$ 1.400,00 para solteiro.

POLTRONAS-CAMAS IGUAÇU

Cr\$ 1.250,00

Rua Ministro Mendonça Lima
Nova Iguaçu — Estado do Rio

Na Fábrica Gilete, em Petrópolis: Más Condições de Trabalho e Maior Exploração

Demissão de senhoras grávidas — Nenhuma proteção aos operários que trabalham com tóxicos — O que se passa também na Fábrica Santa Helena

Na fábrica Gilete, em Petrópolis, os gerentes capricham no papel de carrascos. Um deles, por exemplo, chamado Isidoro, proíbe que os operários façam merenda durante o serão. Não podem levar capa nem paletó na mão, só no próprio corpo. Até mesmo o café não é permitido nas salas de trabalho.

Operários são despedidos injustamente. Senhoras grávidas não podem, por seu estado, produzir como exigem os patrões. Por isso, são demitidas, como sucedeu com D. Eusírcia.

O CONTRASTE

Um espelho da exploração reinante na Epsom é o contraste entre os salários dos diretores e dos operários. Enquanto a maioria dos trabalhadores ganha o salário-mínimo de 2.400 cruzeiros, o diretor-geral, Sr. Miranda, ganha nada menos de 60 mil cruzeiros (salário de um operário em 2 anos) para ficar passeando o dia inteiro. E como ele, existem outros. O chefe-geral da fábrica, Sr. Jardim só de ordenado fixo ganha quase 20 mil cruzeiros.

VER PARA CRER!

Vende-se trifele quase novo, por preço de ocasião. Tratar, à tarde, com Divaldo, à Rua Adolpho de Carvalho, 197 — Terra Nova (Linha Auxiliar).

Atenção — Esta é a primeira loja da Rua Maria Benjamin, próximo à Estação.

TIC-TAC é o tal!

CONCERTOS RAPIDOS E GARANTIDOS
PRAÇA TIRADENTES, 31

DISCOS VOADORES

GRANDE LIQUIDAÇÃO DE DISCOS

Milhares de discos «Long-Play», clássicos e populares, a preços reduzidíssimos. Eis a realidade:

12 polegadas	Cr\$ 200,00
10 polegadas	Cr\$ 120,00
Discos de 78 rotações, a partir de	Cr\$ 10,00

O MERCADO DOS DISCOS
RUA SÃO JOSÉ, 80, LOJA — TEL.: 42-4747

IMPRESSOS COMERCIAIS, PROPAGANDA, COMPOSIÇÕES PARA JORNAIS, ETC.

Nitidez — Perfeição — Pontualidade

Tratar com Antônio Luiz, Rua Gustavo Lacerda, 19 — Sobrado — Tel.: 22-3070

50.00 Por Mês e 1 Juro

V. S. já conhece Silva Jardim? Não!!!

Pois, em 1895, o saudoso poeta Teixeira e Souza já dizia:

Silva Jardim é um quadro encantador e pitoresco!!!

Portanto, não podemos esquecer as palavras do nosso compatriota.

Em Silva Jardim, V. S. encontrará o lugar destinado ao seu descanso espiritual!

CIDADE VERANEIO LUCILANDIA

Com apenas Cr\$ 50,00 por mês, sem juros, V. S. encontrará Hotel, Água, Luz, Piscinas e banho de ducha. Não perca esta Grande Oportunidade, reserve já o seu lote.

CONCESSIONARIO EXCLUSIVO DE VENDAS:

ORGANIZAÇÃO WASHINGTON LEITE, IMÓVEIS

AV. GRACA ARANHA, 206 - 3º - Sala 304
Rua do Carmo, 56, 2º andar, sala 3
Loteamento registrado no cartório do 2º Ofício de Silva Jardim, sob nº 8, às folhas 15-18, livro auxiliar 8, em 28 de fevereiro de 1952. Dec-Lei 58.

ARMAGEM CUTIARA

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

DE TUDO PARA TODOS — PREÇOS POPULARES
ARMAGEM CUTIARA — ESTRADA DO GALEÃO, 317
ILHA DO GOVERNADOR — JULIO T. GAZELE

COMPRA LUCRANDO

No Depósito de Retalhos e Artigos Escolares da

CASA AMARAL

Sómente a CASA AMARAL, dá a participação nos lucros da compra feita, com a bonificação de 3% (aberto diariamente até às 22 horas, e aos Domingos até às 12 horas). Tel.: 26-5744

RUA CLAUDIO DE MELLO, 668 — PIEDADE

NERVOSOS

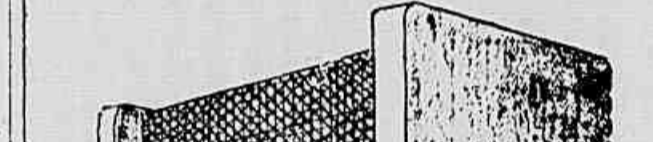
Desânimo, Angústia, Fobias, Inquietação, Irritabilidade, Nervosismo, Sentimentos de inferioridade e insegurança, idéias de fracasso, Enjaulamento, Ineficiência, nervos no homem e na mulher. TRATAMENTO ESPECIALIZADO DOS DISTÚRBIOS NEUROTICOS

CLINICA PSICOLÓGICA

9 às 19 e 14 às 19 — Diariamente
R. ALVARO ALVIM 21 —
13º AND. — TEL.: 32-3046

Dr. J. Graboia
Membro da "Society for the Psychology of Social Issues" — U.S.A.

Tudo a crédito



RÁDIOS, ENCRADERIAS, FOGÕES A GÁS E A ÓLEO, MÁQUINAS DE COSTURA, BICICLETAS, ACORDEONS «VERONESE» — ORGULHO DA INDÚSTRIA NACIONAL, ETC.

AV. MEM DE SA 30
TELS.: 52-2976 e 32-7297

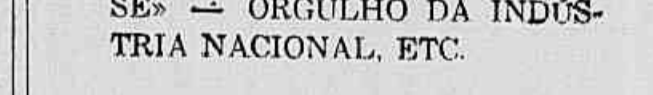
Bazar dos RADIOS

AUXILIARES EM HORAS VAGAS

Firma de grande movimento precisa de auxiliares, que queiram dedicar-se a serviço simples e rendoso. Ordenado: Cr\$ 2.400,00 e comissões vantajosas. Trata-se de colocar artigo conhecido em pagamentos suaves e parcelados. Boa oportunidade para Bancários, Operários, Comerciantes e para quem disponha de boas relações. Os interessados devem comparecer à Rua da Lapa, 16, sobrado, sala 1.

Mecânico de Máquina de Costura

Conserta, compra e vende máquinas de costura usadas. Reforma em geral — Vende-se máquinas novas à prestação — Tel.: 48-8310



AO ABANDONO OS ESTALEIROS DA COSTEIRA

Imprensa POPULAR

Ano VIII ★ Rio de Janeiro, domingo, 20 de março de 1955 ★ Nº 1.456

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IMPRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

CONSOANTE prometemos aos nossos leitores, iniciamos hoje a publicação dos debates realizados anteriormente na ABI, entre representantes da IMPRENSA POPULAR e trabalhadores do mar de diferentes categorias.

As 17,45 horas a Sala do Conselho da ABI está literalmente cheia. Marítimos permanecem no corredor, do pé, por falta de acomodações. Nossa companheira Maria da Graça, por delegação da Comissão Promotora da mesa-redonda, declara abertos os trabalhos, convida os membros que compuseram a mesa e dá a conhecer os assuntos em debate. Em seguida, passa a palavra a um dos representantes da IMPRENSA POPULAR:

JOSUÉ DE ALMEIDA

Amigos marítimos! A defesa dos interesses dos trabalhadores é o primeiro ponto do programa do nosso jornal. Entretanto, julgamos que ainda conhecemos pouco desses problemas. Eis por que tivemos a ideia de promover encontros como estes, entre os trabalhadores e a IMPRENSA POPULAR, a fim de que melhor possamos cumprir com o nosso dever na defesa desses interesses.

O MÊS DA IMPRENSA POPULAR

O nosso companheiro mencionou alguns dos mais graves problemas dos marítimos, como o do desemprego, da ameaça de venda de Lóide e Costeira a estrangeiros, etc. e prossegue: "Resolvemos iniciar esses debates no 'Mês da Imprensa Popular', com o qual visamos duplicar a difusão do nosso jornal e melhorar-lhe o conteúdo, dotando-o dos recursos financeiros necessários a ampliação do pessoal e equipamento do material. Sabemos, como vocês sabem, que um jornal de grande circulação é um instrumento muito mais eficiente na defesa dos interesses dos trabalhadores, que também os interesses do progresso da Nação. Em síntese: aqui estamos para trocar ideias e conhecer-nos melhor. Já lhes falamos daquilo de que mais necessitam. Agora, que falem vocês: façam as críticas que acharem justas à IMPRENSA POPULAR. Que digam o que querem de nós e também nos digam o que podem fazer para ajudar-nos."

A ameaça de venda de Lóide e da Costeira

ELISÁRIO SANTANA

Operário naval: "O projeto de transformação do Lóide Brasileiro em Sociedade Anônima já está em fase de compra. Ela já foi noticiada por jornais e os compradores são um grupo de homens da Câmara de Comércio Latino-Americana. Eles falam em transformar o Lóide em S.A., para acabar com seu 'defeito'. Entretanto, nós, marítimos, não somos culpados pela existência do 'defeito'. O Governo subvencionou até as empresas particulares e não ajuda o Lóide e a Costeira, empresas que lhe pertencem. A exclusividade da cabotagem nacional para nossos navios, prevista pela Constituição, não é respeitada. Os navios da Moore McCormack viajam entre portos nacionais abarrotados de carga. Estas são as causas do 'defeito' do Lóide e não o fato de ele pertencer ao Governo.

5a. FEIRA NA COFAP A TABELA DA CARNE

Filé a 60 cruzeiros o quilo — Oficialização dos altos preços da carne em regime de liberação

O novo tabelamento da carne deverá entrar em ordem no dia da COFAP quinzenal próxima. O projeto de portaria formulado por inspiração do Sr. Américo Pacheco de Carvalho já está pronto e depende agora somente de meras formalidades burocráticas a serem preenchidas pelo Departamento de Planejamento e Preços.

FILÉ A 60 CRUZEIROS

A nova tabela da COFAP prevê um sem número de aumentos para os diversos tipos de carne com o objetivo de oficialização dos altos preços vigentes no momento para o produto liberado. O filé "mignon", por exemplo, ficará a 60 cruzeiros o quilo, ou seja, mais 100 por cento sobre a tabela vigente há um ano atrás (portaria 181). O filé sem abas passará a casa dos 40 cruzeiros enquanto os preços da carne de primeira sem osso (lagarto, chã de dentro, patinho, etc.) ficarão em 36 cruzeiros em quilo.

CONVENIO COM OS ACOQUEIROS

O Sr. Américo Pacheco de Carvalho decidiu estabe-

lecer um convênio com os

acomqueiros para assegurar

o cumprimento da nova portaria a ser aprovada pela

COFAP. Embora o Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Verdes tenha de pronto manifestado seu

aplausos a medida, grande número de acoqueiros, revoltados com a liberdade que

têm os frigoríficos de impor preços, querem da COFAP a aprovação de um tabelamento para o atacado.

REPORTER POPULAR

TELEFONE: 22-8518

marítimos deixariam de ser

funcionários autárquicos e

perderiam muitos de seus

direitos, conquistados com

muita luta e sacrifício. E

contra isso nós lutamos."

IMPRENSA POPULAR:

"Quais são as campanhas

atuais dos marítimos?"

"Temos ainda outras re-

vindicações. Nosso último

aumento de salário, nem

lembramos quando foi. Es-

tamos em luta pelo paga-

mento do abono. Mas não

podemos parar a campanha

pois aumento de salário. E'

para todas estas importan-

tes questões que nós, marí-

timos, chamamos a atenção

da IMPRENSA POPULAR,

pedindo sua ajuda com o no-

ticiário de nossas lutas e o

desmascaramento das alega-

ções de "nossos inimigos".

Aplausos

Ajudar outras

corporações

O marinheiro João Ribelto,

da Companhia Hidráulica, pe-

de a palavra e oferece à mesa

dois exemplares dos núme-

ros 3 e 4 da IMPRENSA PO-

POPULAR.

— Peço que sejam colo-

cados em leilão, como mais

uma contribuição para o Mês

da Imprensa Popular.

Aplausos

Demonstração de

unidade

AUGUSTO REIS, operário

naval: "Nossa presença

nesta sala é uma de-

monstração da unidade e

compreensão que adquiri-

mos na greve de 16 de ju-

nho de 53. Congratulo-me

ve, para defender o Lóide e

a Costeira, o progresso na-

cional."

IMPRENSA POPULAR:

"E sobre nosso jornal, o que

penso?"

— "Quero ainda transmi-

ti-las algumas experiências

sobre a difusão da IMPREN-

SA POPULAR, o nosso jornal.

Sai em um comando no

último domingo pela

primeira vez. Em 45 minu-

tos vendi 50 jornais, no

Morro da Boa Vista, em Ni-

terói. O povo estava em di-

reção a mim, querendo com-

prar a IMPRENSA POPU-

LAR.

Finalmente, desejo fazer

algumas críticas à IMPREN-

SA POPULAR. O Sindicato

dos Operários Navais tem

realizado boas assembleias,

muito concorridas, às quais

não compareceu repórter

nem fotógrafo da I. P. O

noticiário sobre nossas lutas

tem sido muito pouco e fra-

co assim com os promotores

desta iniciativa.

Com relação à transfor-

mação do Lóide em Socie-

dade Anônima, já ouvi fa-

lar que os operários mais

antigos serão aproveitados

em outras empresas e os

mais novos serão indeniza-

dos. E não tenham dúvidas

de que, à venda de Lóide

se seguirá a da Costeira, o

que é outro crime contra o

patrimônio nacional."

IMPRENSA POPULAR:

"Qual é a situação da Cos-

teira?"

— "Os estaleiros da Costeira

já construíram navios, como

o 'Itaquassu', barcos da

guerra, torpedeiros, etc. Ho-

je, dias estão abandonados,

criando capim. Suas insta-

lações, da madeira de lei,

estão apodrecendo. A situa-

ção da Marinha Mercante é

um reflexo da grave crise

que o país atravessa. Mas

os marítimos irão às ruas,

como em sua grandiosa gre-

ve, para defender o Lóide e

a Costeira, o progresso na-

cional."

IMPRENSA POPULAR:

"E sobre nosso jornal, o que

penso?"

— "Quero ainda transmi-

ti-las algumas experiências

sobre a difusão da IMPREN-

SA POPULAR, o nosso jornal.

Sai em um comando no

último domingo pela

primeira vez. Em 45 minu-

tos vendi 50 jornais, no

Morro da Boa Vista, em Ni-

terói. O povo estava em di-

reção a mim, querendo com-

prar a IMPRENSA POPU-

LAR.

Finalmente, desejo fazer

algumas críticas à IMPREN-

SA POPULAR. O Sindicato

dos Operários Navais tem

realizado boas assembleias,

muito concorridas, às quais

não compareceu repórter

nem fotógrafo da I. P. O

noticiário sobre nossas lutas

tem sido muito pouco e fra-

co assim com os promotores

desta iniciativa.

Com relação à transfor-

mação do Lóide em Socie-

dade Anônima, já ouvi fa-

lar que os operários mais

antigos serão aproveitados

em outras empresas e os

mais novos serão indeniza-

dos. E não tenham dúvidas

de que, à venda de Lóide

se seguirá a da Costeira, o

que é outro crime contra o

patrimônio nacional."

IMPRENSA POPULAR:

"Qual é a situação da Cos-

teira?"

— "Os estaleiros da Costeira

já construíram navios, como

o 'Itaquassu', barcos da

guerra, torpedeiros, etc. Ho-

je, dias estão abandonados,

criando capim. Suas insta-

lações, da madeira de lei,

estão apodrecendo. A situa-

ção da Marinha Mercante é

Até navios de guerra já foram ali construídos, numa prova da capacidade dos nossos operários navais — Os marítimos são radicalmente contrá-

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debatidos na mesa-redonda da IM-

PRENSA POPULAR com os trabalhadores do mar

rios à venda de Lóide e da Costeira — Outros problemas debat

PELA PAZ



Integra do importante discurso pronunciado pelo Des. HENRIQUE FIALHO no ato público do dia 12 p.p. no auditório da ABI

(Leia na 6ª pág.)

UM OTIMISTA

Artigo do romanista MILTON PEDROSA no 2º aniversário de falecimento de GRACILIANO RAMOS

(Texto na 5ª Pág.)



TROVADORES POPULARES



«O trovador da Bahia longe do próprio lar Sauda com alegria A IMPRENSA POPULAR»

Rodolfo Coelho Cavalcanti fala sobre o I Congresso dos Trovadores (Texto na 2ª página)

60 ANOS DE CINEMA

Artigo do famoso crítico francês Georges SADOUL sobre o nascimento da arte cinematográfica

(Texto na 4ª pág.)



A Fôrça da Palavra



Pequeno e belo conto do autor soviético PIOTR PAVLENKO, o famoso autor de «A Felicidade»

(Leia na 4ª pág.)

«O CINEMA NÃO PODE VIVER ISOLADO»



Na foto: Arturo de Cordova e Tônia Carrero numa cena de «Mãos Sangrentas»

ENTREVISTA COM
ARTURO DE CORDOVA
(TEXTO NA 4ª PÁGINA)

Imprensa POPULAR

★ SUPLEMENTO DOMINICAL ★

RIO, 20 DE MARÇO DE 1955



Depois de oito horas de trabalho noturno, as pirando poeira do algodão, cansadas e sonolentas, saem as operárias pelo portão da fábrica. São seis horas da manhã

Antes era um Barão, agora é uma Companhia — Os trabalhadores fazem a sua

pergunta —
Reportagem
de Dalcídio
JURANDIR

NA BANGU: OS FIOS CORTAM OS SONHOS DE 5 MIL OPERÁRIOS

Môças na porta da fábrica às 6 da manhã. Muitos metros de pano para a Progresso Industrial

ENTRE cinco da manhã e meio dia, não nos é possível saber todas as histórias e dramas da Fábrica Bangu. Isso exigiria algumas semanas, porque convém ouvir centenas de operários e operárias, velhos e novos, para reconstituir o seu aparecimento no bairro, os primeiros aspectos do trabalho, as primeiras lutas, a significação da fábrica na indústria nacional, o seu crescimento, o cada vez melhor acabamento de seus tecidos em meio de miséria e da fama pelo país, algumas cidades do mundo e entre os desfiles da champanhota.

No portão, às 6 da manhã

Corremos para ver, ao raiar do dia, a saída dos operários do longo turno das 22 horas às 6 da manhã. Uma boa claridade escorria da serra cheia ainda de farrapos de nuvem e manchas de lavouira aqui e ali. Os sinos da igreja chamavam. O portão se abria. Surgia das sombras da noite o velho chaminé, quase simbólico atualmente, da Companhia Progresso Industrial do Brasil. Um breve fumo subia e pensamos nos fumos de tantos anos cheios de esganção, agonia e revolta que por ali saíram soprados pelo trabalho incessante de milhares de trabalhadores. Salam as môças, umas de

tamancos, estas pálidas, sonolentas, magras, outras tristes como se viessem de um velório. Vinham de um serão de oito horas, ganhando apenas vinte por cento a mais do seu anêmico salário. Algumas contentes porque fugiam agora do pó do algodão, da tensão noturna, daquele virar de máquinas que, de tanto escutar, mol os nervos, aperta o coração. Também havia môças que se queixavam dos rins, esta e aquela de dor no peito, e um apetite de sono, um sono enorme que as levava de pressa para casa, não importando café nem banho.

Um barão por outro barão

Será possível conversar com uma tecelã às 8 horas, depois de um sono curto, porque ela quer nos atender. Esperamos.

Andamos pelo bairro da Lavouira, propriedade da Companhia Progresso Industrial, terreno loteado, vendido a 40, 50 ou 60 mil cruzeiros, a prestações, com juros. Que terreno é esse que vai da serra do Bangu ao Piquet do Guandu e do Camará até as proximidades do conjunto residencial de Padre Miguel? Contam que pertenceu a um barão. O Barão de Itacurujá. Conhecemos uma senhora que nos falou do barão que era seu avô. Mas a história só pode ser desafiada, passada a limpo, depois de atenta sondagem pelos cartórios, escrituras e conversações pacíficas com velhos habitantes de Itacurujá e Mangaratiba. O certo, porém, é o que nos diz um operário da Bangu:

— O latifundiário não ganha a terra do céu, rouba de alguém.

A senhora, que nos falou de seu avô, conta que em Itacurujá há um oficial de Marinha que é dono de vinte ilhas no mar.

— Senhora dona Janaina! Vinte ilhas no mar para o loteamento!

Depois contou que seu avô, ao retirar-se das terras que hoje pertencem à Companhia Progresso Industrial

do Brasil, levava consigo, entre outros pertences 369 escravos. Barão danado! Mas agora o barão daquele longo loteamento onde se ergue a fábrica de tecidos,

(CONCLUI NA 2ª PÁGINA)

NOVA EDIÇÃO DA «GEOPOLÍTICA DA FOME»

Acaba de aparecer, em lançamento da Editora da Casa do Estudante, a 5ª edição da célebre obra de Josué de Castro — «Geopolítica da Fome», que é, no gênero, o livro brasileiro mais difundido e comentado no mundo inteiro.

Traduzido em quatorze línguas e premiado por várias instituições estrangeiras e internacionais, «Geopolítica da Fome», aparecida há três anos, tornou-se, rapidamente, uma obra clássica no campo dos estudos sociais.

Com prefácios de Lord Boyd Orr, Prêmio Nobel da Paz e de Max Sorre, Professor da Sorbonne, esta nova edição aparece revisada e ampliada pelo autor.

Um dos acréscimos que veio valorizar de maneira significativa esta obra, foi o de um capítulo sobre a nova China, no qual o Prof. Josué de Castro estudou de maneira objetiva as principais transformações ocorridas no panorama geral de vida do povo chinês depois da implantação da Nova República Popular da China.

No âmbito de um ensaio de categoria científica, o autor procura analisar à luz de uma visão imparcial, a gigantesca experiência empreendida por 500 milhões de criaturas para se libertar do flagelo milenar da fome.

Novos argumentos, foram também apresentados nesta terceira edição de «Geopolítica da Fome» em apoio à tese central do livro, de combate ao malthusianismo, de que a fome é causa e não efeito da superpopulação em certas áreas subdesenvolvidas do mundo.

Muitos destes argumentos são baseados em dados estatísticos recolhidos pelo organismo internacional que o prof. Josué de Castro vem presidindo há três anos — a Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas.

Constitui, pois, um acontecimento auspicioso para os estudiosos dos problemas sociais, o aparecimento desta edição melhorada da notável obra de Josué de Castro.

POETAS GREGOS AMEAÇADOS DE FUZILAMENTO

(TEXTO NA 4ª PÁGINA)

A BYRON

De um jovem guerrilheiro preso em um campo de concentração

ESTA noite, poeta, não ousemos tua face avocar. Duplos fios de arame farpados prisioneiros estamos.

Na Grécia por que vistes morrer? Poeta, por que?

Guardamos amizade, a liberdade amamos. Que podemos dizer agora que tua gente injustamente nos tortura? Olha, quantos sentinelas nos vigiam! Esta noite tua face evocar não podemos.

Nas farpas do arame o nosso pensamento poderá scri-se — e tua lembrança manchar.

(Tradução de James Amado)

O poema que abaixo transcrevemos foi escrito por um guerrilheiro grego aprisionado em um campo de concentração. Sem assinatura conseguiu escapar aos cruéis monarcas-fascistas. Na vez deste poeta forçado ao anonimato, um povo inteiro canta seu desejo de liberdade e independência nacional.

EM 200 MIL CRUZEIROS O GOVERNO LEVA 40 MIL

— e nada faz pelo teatro



Os criadores do sucesso do momento na cena carioca falam à IMPRENSA POPULAR sobre os problemas do teatro.

«Criar é mais importante que destruir. A campanha contra as armas atômicas é nobre e meritória!»

«Um teatro custa dez vezes menos que um avião a jato»

ARMANDO COUTO: MAIS CASAS DE ESPETÁCULOS

LUDY VELOSO: AUTORES NACIONAIS DÃO MELHORES BILHETERIAS (Texto na 5ª página)

“Eu Sou do Samba-Canção”

Entrevista com Dolores Duran

«Os intérpretes brasileiros são preteridos pelos estrangeiros»

A simpática «estrela» fala sobre os problemas dos radialistas

(Texto na 3ª pág.)



A JUVENTUDE E O NOVO ROMANCE DE JORGE AMADO

UM ARTIGO NO «JORNALOMOLSKAYA PRAVDA» (8ª PÁGINA)

Mariúcia, Iacovino, violinista brasileiro de grande talento, recebeu um convite de maestro Villalobos para tocar nos E.U.A., com a orquestra americana de Seattle. A própria orquestra renovou e reatou o convite. Tera sido em fevereiro de 1933 quando a orquestra participou de um grande programa interpretando "Fantasia de movimentos mistos" de Villa-Lobos.

Mariúcia aceitou o convite com alegria. Que mais poderia fazer uma artista de real valor do que esta oportunidade de divulgar a nossa música, a música do mestre Villa-Lobos, com a companhia de uma grande orquestra, como o é na realidade a orquestra de Seattle.

Desde dezembro que luta para obter o visto — contínuos. Respondi a um questionário em inglês e o mesmo foi enviado à embaixada americana. Ainda não satisfeito o consul in-

queriu-me pessoalmente. Que fez na Europa? Participou de um Congresso de Paz? do Festival da Juventude na Alemanha? Então é muito difícil, muito difícil a concessão do visto...

Mariúcia é persistente. E para 1934 conseguiu? Muito difícil, muito difícil... é a resposta laconica da embaixada.

"Onde exerce a sua profissão?" — indagou ainda o consul. "Em qualquer parte — diz a artista, onde se possa fazer música. Para qualquer povo que seja suficientemente livre para poder ouvir! Na França, na Inglaterra, na Itália, no Brasil, Tchecoslováquia, Polônia, em Moscou, na Ásia..."

Magdalena Tagliero, a excelente pianista brasileira, segundo a agência Polonesa de Imprensa chegou a Stalingrado (Stalingrad) onde dará um concerto que repetirá em Zabrze e Varsóvia.

De lá, com certeza, tocará em outras Democracias Populares, na U.R.S.S. ou na Nova China que este tem sido o caminho de tantos outros artistas. Quando voltar, entretanto e desalar como Mariúcia viajar para os E.U.A. ouvirá já sem surpresa para nós o velho disco: "muito difícil, muito difícil..."

A verdade é que a cortina de ferro, dia a dia, se mostra mais crua e mais cruel do mundo...

SETE DIAS NA COSINHA

ANGELA MARIA



Muitos gostam de café... mas bem poucos sabem preparar o mesmo com sãmoda e regularidade.

Primeiro: o condor nunca deve ser lavado com sabão ou qualquer outro produto que não seja louça e engordurada.



Segundo: o pó não deve ser fervido. Assim que a água levantar fervura ponha a primeira colher de pó e espere o fogo. Só então misture o resto do pó.



Terceiro: escolha bem o condor e a cafeteira para não precisar requeimar o café. E



se o fizer use sempre o bico-maria. Mas, o nosso conselho é: não tome café requeimado!

BILHETE-RESPOSTA

LUÍZA VICENTE

O divórcio aproveita principalmente às mulheres, mas apesar disso, as brasileiras mostram-se muito reticentes ao divórcio. Por que será?

Os motivos são de ordem econômica. Na nossa sociedade, a mulher vê principalmente no marido a pessoa encarregada de sustentá-la, a ela e aos filhos.

A ideia de deixar de ter um marido para prover a todas as despesas apavora a mulher para quem a luta pelo pão de cada dia é muito mais dura do que para o homem, sobretudo quando tem filhos.

A proteção à mulher e à infância é mui. Não há creches, nem jardins de infância com horários idênticos aos das mães e que não fechem durante os meses de férias escolares. Quer dizer, a mulher não tem pessoas competentes a quem entregar os filhos enquanto trabalha.

Por outro lado, em vastos setores, os salários das mulheres são muito inferiores aos dos homens, os modos de exploração mais variados e fáceis de aplicar, em razão de a mulher ser por natureza mais submissa, mais maleável, mais sofradora.

Aprende a tudo isso que a mulher terá sempre a seu cargo, senão todos, pelo menos grande parte dos trabalhos domésticos para sobreviver-lhe nas horas livres do trabalho pago.

Acontece assim que a mulher com frequência se sujeita a situações das mais humilhantes, preferindo tudo suportar: ou a infidelidade, falta de respeito, maus tratos do marido, ou dura prova de entregar-se a um homem de quem já não gosta a enfrentar uma vida independente, embora esta lhe garanta a dignidade e lhe trouxesse as condições de reconstruir a sua vida e encontrar a felicidade.

A MULHER BRASILEIRA PARTICIPA CADA VEZ MAIS DA VIDA DO PAÍS

A CONHECIDA ESCRITORA MARIA DE LOURDES TEIXEIRA FALA SOBRE A MULHER NA LITERATURA E NAS ARTES — "JÁ CONQUISTAMOS O NOSSO LUGAR AO SOL" — A DONA DE CASA QUE NÃO EXISTE — "A GUERRA ATÔMICA SERIA UMA IGNOMÍNIA: NÃO PODE HAVER DUAS OPINIÕES A RESPEITO

Maria de Lourdes Teixeira além de conhecida ensaísta e romancista é jornalista das Folhas da Manhã e da Tarde de S. Paulo, onde dirige a parte referente às Letras e Artes do suplemento dominical. Entre as suas obras contam-se: o ensaio "A Arte e a Literatura", "As mulheres na vida de Goethe", "Estudo biográfico de Graça Mello", etc. Publica crônicas diárias sobre literatura e arte e confecciona mensalmente cinco páginas sobre literatura nacional e estrangeira para a revista "Habituê".

Seu romance "Banco de Três Luzeiras" atingiu a excepcional tiragem de quarenta e cinco mil exemplares e obteve o Prêmio Jôia Lopes de Almeida da Academia Brasileira de Letras.

UM JORNAL FEMININO DEVE TER AMPITUDE

Maria de Lourdes Teixeira fala sobre a mulher:

— Não é possível que a mulher brasileira se interesse apenas por cortinas e culinária. Por isso julgo interessante o fato de IMPRENSA POPULAR programar a publicação de uma "Imprensa Popular Feminina", onde a mulher brasileira se põe em contato também com os problemas literários, artísticos e científicos atuais. Um jornal feminino deve ter amplitude para alcançar centenas de mulheres: artistas, operárias, estudantes. E até mesmo as que são só inteligentes... — conclui, rindo-se, a romancista.

A MULHER E A LITERATURA

Nossa conversa toma o ritmo da literatura e a nossa entrevistada diz:

— Não creio se pode dividir a literatura nacional em masculina e feminina. Embora o primeiro romance tenha sido escrito por uma mulher — Tereza Margarida da Silva e Horta — é interessante constatar-se, depois do mesmo, o empobrecimento da produção literária feminina. Passamos até ao começo do século com meia dúzia de nomes femininos na poesia e, na ficção, quase que exclusivamente com Júlia Lopes de Almeida. E, de espantoso, portanto, depois deste fato, verificamos, nas últimas décadas, o surgimento de uma equipe esplêndida de mulheres inte-

tos femininos. Há um grupo de mulheres que pode ser comparado aos melhores nomes do desenho, na pintura, nas artes plásticas, nas profissões liberais, nas ciências, etc. No Brasil, onde as conquistas sociais chegam sempre com grande atraso, já

conquistamos nosso lugar ao sol...

CONDENAÇÃO AS ARMAS TERMONUCLEARES

— E na política? — Bem, a mulher intelectual brasileira milita pouco politicamente. Tem as suas ideias mas afasta-se do cenário das lutas políticas. O possível uso das armas atômicas e as experiências das bombas de hidrogênio deveriam ser a preocupação vital de toda a intelectual brasileira. Devemos cerrar fileiras em torno dessa questão.



Escritora Maria de Lourdes Teixeira

Sou absolutamente contrária ao emprego de tais armas de destruição. É uma ignomínia da qual a humanidade futura não se envergonhará. Creio mesmo que não pode haver duas opiniões a respeito, partindo de pessoas que tenham consciência.

PLANOS

Sobre seus planos futuros contou-nos:

— Estou terminando um romance "A mulher e a Solidão" e "Uma história da literatura brasileira". Há anos que não encontro tempo para dar prosseguimento a dois trabalhos nos quais me dediquei oportunamente: uma biografia de Gregório de Matos e outra do poeta paulista Gustavo Teixeira.

— Como é que você consegue conciliar seu trabalho intelectual com os afazeres domésticos?

— A dona de casa em mim não existe! afirmo categoricamente, Maria de Lourdes, preparando-se para retomar o trabalho interrompido pela reportagem...

CAMPONESES DA TCHECO-SLOVÁQUIA

Como vivem as mulheres nos países de caráter popular? A resposta verdadeira a esta pergunta interessa a todas as mulheres.

Elas alguns flagantes da nova vida que criaram em sua pátria libertada as camponesas tchecoslovacas.

Organizadas em suas cooperativas agrícolas, as famílias camponesas viveram na miséria e da exploração. As fotografias ao lado refletem a alegria de viver e a fartura.

A cooperativa "Nova Vida", situada na região de Praga, agrupa a maioria dos camponeses da zona e dispõe de 1.000 hectares de terras lavráveis. A cada ano aumentam os bens da cooperativa, erguem-se novas construções, eleva-se o nível de vida dos camponeses nela associados. Sua produção é principalmente de leite, ovos e manteiga. Seus rebanhos são numerosos e merecem dos camponeses um cuidado que tem base científica. Com a aplicação das conquistas da ciência ao trabalho no campo, aumenta sem cessar a fartura dos camponeses.

Nesta cooperativa cada futura mãe recebe uma ajuda maternidade de 500 coroas tchecas e, em caso de enfermidade, auxílios extraordinários, além da assistência médica e hospitalar. As mães tem ao seu dispor creches para os bebês.

Ana Puobová, que aparece ao lado, trabalhadora dos estábulos, recebeu em 1954, além de uma cota alta de produtos agrícolas para seu próprio consumo, 26 mil coroas pelo trabalho realizado. Ana Puobová, como suas companheiras, goza de férias anuais remuneradas.

As camponesas tchecoslovacas podem comprar não somente sapatos, vestidos, móveis para o lar, mas podem e fazem questão de comprar livros. A cooperativa lhes proporciona sessões de cinema e o teatro não é mais um sonho irrealizável. Nas lares dessas camponesas encontram-se aparelhos de rádio e televisão, seus maridos compram motocicletas.

Elas constroem realmente a Nova Vida.



GINÁSTICA PARA O BEBÊ

Você Deve Lêr

LUÍZA RAMOS

A LA E A NEVE, de Ferreira de Castro, é a história dos trabalhadores das fábricas de tecidos, escravos das lãs, e das pastores dos rebanhos ovinos nas montanhas.

Em narrativa fácil e agradável, o autor focaliza a vida de Horácio, jovem que resolve abandonar o trabalho pastoral e tornar-se operário de uma fábrica de tecidos da cidade, animado com a ideia de juntar o dinheiro necessário à construção de uma casa. As condições de vida dos serenos, lidando com os rebanhos e habitando antros miseráveis, fizeram-no imaginar o desejo de uma casa limpa, digna, diferente das que conhecera até então, a fim de casar-se com Idalina, a quem amava. Este o sonho de Horácio, que lutava para conseguir um lugar na fábrica, a luta em busca de um lar, transformando lentamente a sua consciência.

Uma vez tecida, o jovem entra em contato com os vários operários, acompanha e assiste a sua vida, sua luta pela subsistência, suas reivindicações. Ele próprio mantém-se meio isolado, hesita em participar dos movimentos de classe, pensando sempre na casa que não pode realizar. Sua eterna procura do lar, de uma família organizada, levam-no então ao casamento, antes mesmo de haver conquistado seu objetivo, sem compreender ainda que jamais lhe concederiam o direito de possuir uma casa tranquila, onde já via, brincando no jardim, os filhos que desejava.

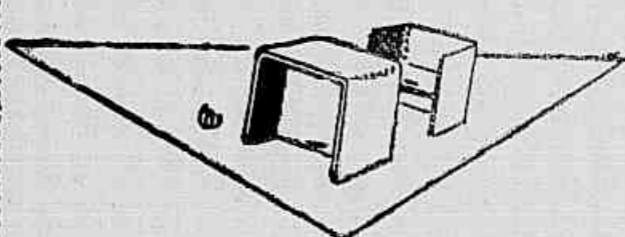
Ferreira de Castro retrata com maestria as diversas fases atravessadas pelo homem trágico, ora animado pelo seu ideal, os conflitos e episódios que o levam a compreender seus companheiros e o fazem, afinal, juntar sua voz à de tantos outros dos que lutam por um pouco mais de pão.

Os exercícios não devem ser efetuados mecanicamente e sim acompanhando o desenvolvimento de cada movimento, observando o trabalho dos músculos em ação.

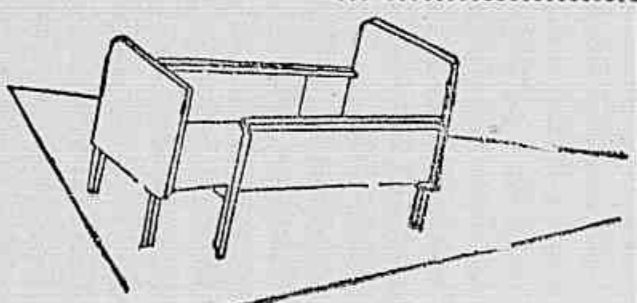
Carinho e alegria são dois fatores de grande importância para o sucesso dos exercícios e de todo o treinamento em geral.

A ginástica empregada desde a primeira infância dá, não somente resultados imediatos mas, aumento das trocas respiratórias, regularização do apetite e das funções digestivas, enrijecimento dos tecidos e ainda, melhora da saúde em geral, favorecendo o desenvolvimento e assegurando à criança, para o futuro, um bom porte e movimentos normais.

SUGESTÕES DE FANY

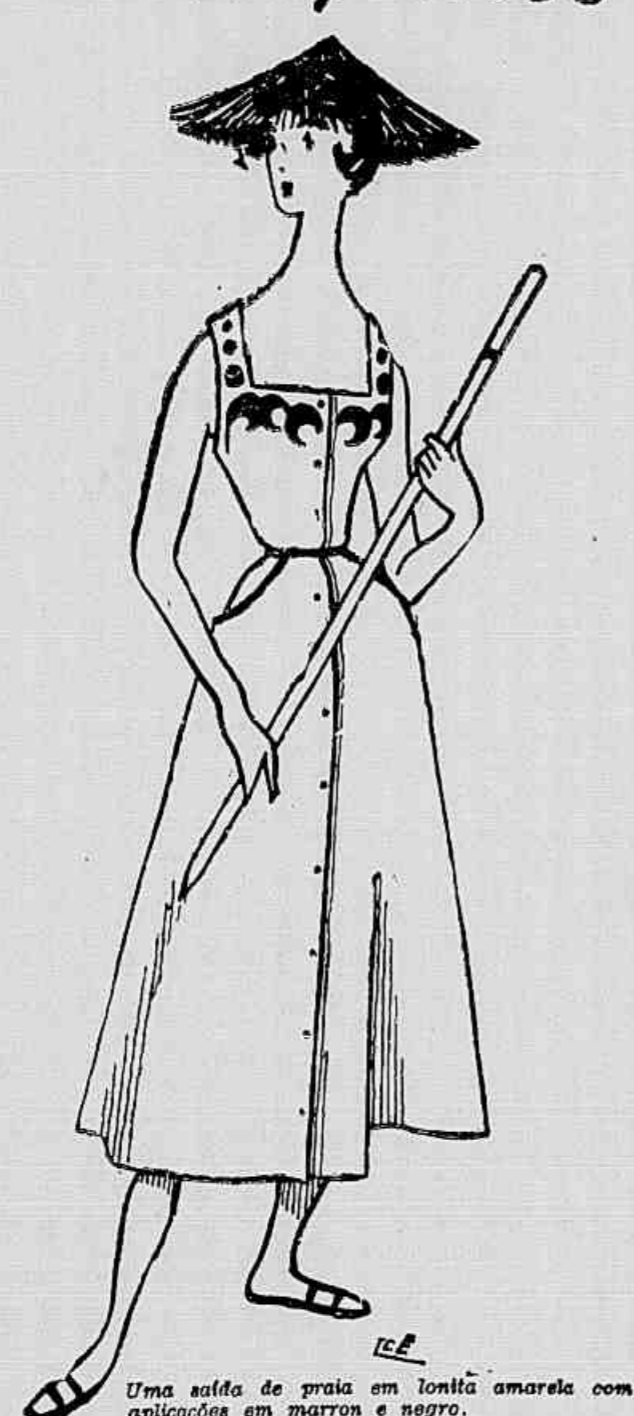


• Damos hoje duas sugestões para a confecção de móveis infantis. Os primeiros servem de mesa e cadeira para o bebê. Sendo muito leves são facilmente transportáveis pela criança. E como a criança gosta muito de novidades essa troca de mesa em cadeira e cadeira em mesa deverá entusiasmar a mãe.



• Outra sugestão de nossa colaboradora Raquel é essa interessante cama elástica. O pé da mesma é elástico, podendo ser utilizada até a idade de oito anos. Não é mesmo muito prática?

manequins



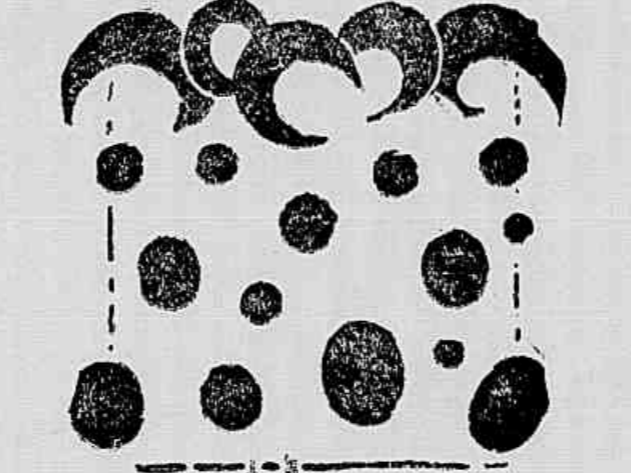
Uma saída de praia em lã amarela com aplicações em marrom e negro.

Criação do figurinista Oswaldo Mota.

Para as que moram longe da moda Teó desenhou esse vestido que aproveita a decoração do casaco fazendo com ele um interessante conjunto.

A ampliação do balaço facilita a compressão do riço.

A moda da foto é Maria Alice. Vira como se vê.



e moda brasileira.

AS RESTRIÇÕES AO INTERCÂMBIO ENTRAVAM O PROGRESSO DO CINEMA

ARTURO DE CORDOVA SOBRE O CINEMA MEXICANO:

«TEMOS GRANDE EXPERIÊNCIA DA «AMIZADE» DOS NORTE-AMERICANOS...»

— NO MÉXICO NÃO HÁ LEIS DE PROTEÇÃO AO CINEMA MAS OS CINEASTAS, UNIDOS, IMPOEM AS SUAS RESOLUÇÕES — O BRASIL TERÁ UM GRANDE CINEMA — LEVO SAUDADES — SOBRE A GUERRA ATÔMICA: «REPUDIO COM TODAS AS MINHAS FORÇAS TANHANHA AMEAÇA À HUMANIDADE!»

Levo saudades

— Esta foi a segunda vez que vim trabalhar no Brasil. — diz-nos Arturo de Cordova — Antes não pude sentir o quanto é hospitaleiro o povo brasileiro, minha estada foi curta e superficial; já agora, foi diferente. Estou aqui há quase um ano. Cheguei em junho de 64, estamos em março de 65, dez meses, sim senhor!... Estou com muitas saudades de minha família, mas, com franqueza, vou ficar também com imensas saudades dos amigos que fiz aqui. Felizmente, espero voltar... Foi muito bom você procurar-me, porque posso dizer aos brasileiros o quanto os estimo.

— Durante todo este tempo você esteve sem ver sua família?

— Não, amigo! — respondeu-me Arturo, enquanto tocava a campainha chamando o empregado do hotel — Minha senhora veio até aqui. Não ficou por causa dos seus afazeres lá em nossa terra.

— Disseram-me que você tem filhos bem crescidos? E' verdade?

— Crescidos? Não... são homens feitos! Tenho três filhos, duas moças e um rapaz, este já na escola política e uma das moças estudando medicina. As últimas palavras do astro foram acompanhadas de um sorriso, misto de satisfação e galhofa pelo espanto que, naturalmente, denunciávamos.

— Diga-me Arturo, você começou sua carreira artística no cinema?

— Antes fiz rádio, o que aliás nunca deixei. Quando não estou filmando atuo no rádio-teatro e, às vezes, na televisão.

— O garçom bate à porta. Arturo pede café e água mineral.

O cinema brasileiro

— Que me diz você das possibilidades do cinema brasileiro?

— Fabulosas! Aqui existem todas as condições para a existência de um excelente cinema. Creio que há grande interesse no Exterior pelo cinema brasileiro. Vocês precisam dar esse passo. Ampliar mais a cinematografia brasileira com a exportação de películas. Nisso a produção será de grande ajuda, o que permi-

tirá enorme expansão comercial no cinema daqui.

— Poderá dizer-nos quais os problemas do cinema mexicano?

— Sim, como não! Nós estamos num período diferente do do vocês. No México o custo exagerado da produção afeta a qualidade artística do filme. «Mãos Sangrentas», por exemplo, que fizemos aqui, é totalmente impossível de ser realizado em meu país, dado o preço astronômico do seu orçamento.

— No México é impossível um filme com um programa de trabalho para três meses. — prossegue o ator — Nenhum produtor aguentaria o custo dessa produção. Lá, em média, os filmes são feitos em três semanas!

— Em três semanas!... — interrompemos incrédulos.

— Sim, sim. As películas mais cuidadosas, têm prazo maior; duram 6 semanas!... Por aí você verá que a qualidade se ressentirá sobremaneira. Outro fenômeno que surge daí, é o cinema mexicano não utilizar as imagens de exterior, as quais exigem prazo mais elástico. O nosso cinema é um cinema enfiado nos estúdios, quase não vê a luz do sol.

— Por isso é que vocês vêem uma enxurrada de filmes mexicanos de «salões» com casaca e tudo ou nas tabernas, porém, sempre dentro de casa, por serem mais econômicos.

— Quer dizer que os filmes de Emilio Fernandez e Figueroa custam uma fortuna?

— Exatamente. E, mesmo assim, são feitos com relativa pressa...

O publico apoia o cinema mexicano

Enquanto tomamos café, continuamos nosso interrogatório:

— Como se desenvolveu o cinema mexicano? Existem leis de proteção?

— Lutamos como leões durante vinte anos e conquistamos o público. Nós não temos leis de proteção, porém, em compensação temos o apoio integral do público aos nossos filmes. A princípio houve certo repúdio, principalmente das chamadas eli-



Arturo de Cordova como aparece em «Mãos Sangrentas»

tes; mas o grande público, esse, nunca nos abandonou; exigiam as películas nacionais e essa exigência se traduzia em rendas de bilheteria. No México raramente um filme americano fica duas semanas em cartaz, enquanto que os filmes mexicanos permanecem, geralmente, por 6 semanas em exibição. Os exibidores, portanto, preferem as fitas nacionais. É evidente. Ademais, o espírito anti-americano no México é proverbial; eles são nossos vizinhos e nós os conhecemos de sobre, temos grande experiência da «amizade» deles...

— Você acredita que um intenso intercâmbio cinematográfico com todos os países produtores de filmes, em bases recíprocas, seria útil a nós latinos-americanos?

— É claro, amigo! Nenhum

cinema deve nem pode viver isolado, seria absurdo! Seria contra o progresso artístico, que só se realiza à base de conhecimento geral do que se cria em outros países, por outros povos. Essa troca é benéfica e de grande importância para todos os cineastas. Nós no México não temos esse problema, felizmente. Lá, entram filmes de todas as procedências, de todas as partes do mundo.

Encenará Novamente «As Mãos de Eurídice»

— Novamente o telefone nos rouba a atenção do astro de «Deus lhe Pague». Fala em inglês e parece não aceitar um convite para sair. Desliga e está novamente à nossa disposição.

— Como já lhe disse no México também temos neces-

sidade desse intercâmbio. Nosso mercado interno só nos permite recuperar apenas 22% do capital empregado na produção. Coisa que a vocês não acontece. Fomos obrigados, portanto, a procurar outros mercados e isso obrigou-nos a nos especializarmos na distribuição, que é feita por nós, com toda perfeição. Sem isso teríamos perecido.

— Que fazem os cineastas mexicanos ante a falta de leis de proteção?

— Falam as leis mas são cumpridas as resoluções do Sindicato Nacional dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica, que é uma organização poderosa e eficiente na defesa do cinema mexicano. Além disso, há também a Associação dos Atores Profissionais, que é uma sentinela vigilante em defesa dos interesses dos artistas mexicanos. Creio que a esse assunto vocês prestam dar mais atenção. Sem esses órgãos de defesa da indústria, da arte e dos cineastas não é possível conquistar coisa alguma para o cinema, ficando tudo apenas no papel...

Contra a guerra atômica

— Quais os seus planos quando chegar ao México?

— Fui convidado para fazer uma película em Hollywood com ambiente mexicano. Não aceito. Não me interessa trabalhar numa película que irá ridicularizar minha terra e os meus patriotas. Os americanos são usáveis e vegetais em deturpar os costumes latino-americanos. Farei em estúdios mexicanos um filme com Libertad Lamarque, que se chamará: «Bordas de Ouro», no prazo de 5 semanas. Depois irei encenar a peça de Pedro Bloch «As Mãos de Eurídice». Além da Capital, irei a outras importantes cidades mexicanas e também a Cuba e Venezuela. Creio que a peça terá enorme êxito. Provavelmente voltarei ao Brasil para realizar uma película no Ceará, tendo como fundo o problema da seca nordestina.

— Que diz da ameaça de uso das armas nucleares?

— O maior dos absurdos! Nós artistas somos por natureza criadores e nunca seríamos favoráveis a uma guerra. Como artista repudio com todas as minhas forças tamanha ameaça à humanidade! Sómente a paz nos dará tranquilidade para criar coisas belas; a guerra é morte e nós queremos a vida!

ocuparam um lugar proporcionalmente mais importante que o ocupado hoje nas telas do mundo por Hollywood.

Tal é o passado, já longínquo, do cinema francês. Ele pode festejar alegre e gloriosamente o seu 60.º aniversário. Carlyle via antigamente no fio vermelho que é o núcleo das cordas utilizadas pela Royal Navy o símbolo da permanência britânica em todas as produções intelectuais de seu país. Um fio semelhante, o da especificidade nacional, liga Lumière a Marcel Carné, Meliés e René Clair, Max Linder e Jean Vigo, Feuillade e Jack Feyder... Profundamente nacional, o cinema francês foi naturalmente inspirado pela generosidade de nosso povo. O primeiro filme de longa metragem realizado no mundo foi o caso Dreyfus, de Millès. O primeiro grande filme francês após a libertação foi «A Batalha dos Trilhões», em que René Clement exaltou o papel determinante representado pelos trabalhadores na Resistência... Poder e mos multiplicar os exemplos.

«SEDENTOS DE SANGUE OS ASSASSINOS DE BELOYANNIS»



Antes eram os Hitleristas, agora são os americanos a implantar o terror na Grécia

Apelo dos Intelectuais Gregos

SESENTA PATRIOTAS, DENTRE ELES VÁRIOS INTELECTUAIS, RECOLHIDOS AOS CAMPOS DE MORTE DE AI-STRATIS, TRIKKERI E MACRONISSOS — A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL PODERÁ SALVÁ-LOS COMO O FEZ COM NAZIM HICKMET

NO INTERROGATÓRIO MENELAS LUNDEMIS

NADA mais tenho a dizer. O vento selvagem soprava. Metia os dentes no sangue morno das nossas veias. Secava as lágrimas em nossos olhos. As crinas orquídeas, que a fumaça de um vapor que navegava contra o vento, os cavalos se lançavam para a frente.

Isto é o que eu tinha a dizer e mais alguma coisa: Por trás dos cavalos, por trás da fumaça, por trás de tudo que existe sobre a terra, por trás da própria vida, havia uma nuvem que levava o seu relâmpago, que vinha suspendendo por cima da nossa doce tranquilidade, por cima da inocência em que dormíamos, por cima do nosso amor — sim, bem por cima do nosso amor.

Nada mais tenho a dizer: homens que estranham diante da luz branca, homens que estremecem diante de qualquer coisa branca, apontaram contra um ninho de colúmbas, no momento exato em que os filhotes cantavam. E o céu ficou cheio de penas ensanguentadas.

Nada tenho a dizer e me calo. Tudo que eu tinha a dizer, foi dito pelos túmulos. Foi dito pelas lágrimas, pelos fuzis, pelas cruzes. Dito pelos vãos negros — intermente negros — e pelas ossadas inteiramente brancas. Isto é que eu tinha a declarar. Nada mais tenho a dizer. E me calo.

Chama-se Menelas Lundemis. Desde a juventude, colocou o seu talento a serviço do seu povo — e está lá a razão porque os governantes monárquico-fascistas, estupefatos pelo imperialismo norte-americano, se encarniçaram contra ele. Previu mais de sete anos, já correu quase todos os presídios políticos e campos de concentração, instalados no seu país por inspiração dos tanques. Também sua esposa e uma filha do casal, com apenas três anos de idade, foram deportadas e passaram longo tempo em Trikkéri, a Daquia grega. Semelhante, porém, a sua irmã de letras e poemas, Nazim Hikmet, Lundemis continuou a escrever no cárcere, sob as mais duras condições. Infelizmente, as últimas notícias que dele nos chegaram são

de natureza a causar as mais sérias preocupações: com o sistema nervoso fatalmente abalado pelas torturas físicas e psicológicas, Menelas Lundemis encontra-se a morte na linha grega de Au-Stratis. E para Nazim Hikmet, poderá também salvar Menelas Lundemis IMPULSÃO POPULAR, incluindo esse apelo aos intelectuais e ao povo brasileiro, organizado para publicar um livro de poemas que hoje, pelos caminhos do martírio, preserva a honra e as grandes tradições literárias da literatura de sua pátria.

te da Grécia) confiscou de uma livraria local todos os exemplares de «A Nona Onda» e «A Mãe», obras consideradas «subversivas»; a 15 de julho do ano passado, o Chefe de Polícia de Atenas fez comunicar ao editor Al. Zografos que estava proibida a circulação do livro «Os namorados em Sing Sing» (Ethel e Julius Rosenberg); os poetas Tassos Livaditis, Georges Madjoneleis foram levados à justiça e acusados de crime de «alta traição» por terem feito circular seus poemas «O vento sopra sobre as encruzilhadas do mundo» e «Combatentes da paz», consagrados à luta dos povos pela paz.

APELAM OS INTELECTUAIS GREGOS

EXILADOS

Contra tal situação clamam os patriotas e escritores gregos forçados ao exílio.

lo. Um grupo de intelectuais, encabeçados pela famosa romancista Melpo Axioti, autora do romance «Século XX», dirige aos intelectuais do mundo inteiro o apelo a que nos referimos e que terminamos com estas palavras:

«Nós, intelectuais que o regime de dominação norte-americana e monárquico-fascista obriga ao exílio, dirigimo-nos aos amigos da Grécia, aos que assistiram nosso por morte em duras provas por que têm passado, e pedimos, por meio deste apelo, que ergam o seu protesto com o qual contribuíram para salvar os patriotas gregos dos pelotões de execução de Papagos e para fazer cessar a perseguição medieval ao pensamento progressista e ajudá-lo no restabelecimento das liberdades democráticas no berço da Democracia».

— Forasteiro, tive uma idéia melhor que todas as nossas. Que audácia!

O recém-chegado estreitou as mãos dos que haviam salido para recebê-lo e disse, apontando o barco e o rio: — Perdão, camaradas, o meu meio de transporte novo pa. mim, e não calculei bem o tempo.

Ignoro se tudo aconteceu assim, se não haverá algo de fantasia nessa história poética. Eu a reproduzo tal qual me contaram. E quisera que fosse inteiramente certa, por que para mim não existe nada tão verdadeiro, nada melhor que essa narrativa sobre a fidelidade à palavra empreendida e sobre a força da própria palavra.

(1895 — 1955)

O CINEMA TEM SESSENTA ANOS

A 22 DE MARÇO DE 1895 TEVE LUGAR A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO DO «CINEMATÓGRAFO LUMIÈRE»

Georges SADOUL



Cena do filme soviético «Amigos Leais», obra-prima do cinema

HÁ DEZ ANOS no Boulevard dos Italianos (Paris), num dia chuvoso, um grupo de cinquenta pessoas se reuniu para ver descobrir-se uma placa de mármore e ouvir alguns discursos. Estavam ali alguns fotógrafos e operadores de jornais cinematográficos. A borrasca dispersou rapidamente os poucos curiosos atraídos pela reunião, única cerimônia pública que marcou na França o cinquentário do cinema. Naquele fim de 1945, o Ministro das Informações tinha-se recusado a atender às personalidades que requeriam quando mais não fosse uma pequena reunião em recinto fechado. Este Ministro interessava-se apenas pela «psicologia» do cinema. Seu nome é André Malraux.

Dez anos transcorreram. Neste 1955 deveremos comemorar o 60.º aniversário do cinema. Esta grande invenção foi o fruto de uma pesquisa internacional da qual, entre 1892 e 1896, participaram a França, a Grã-Bretanha, Estados Unidos, Rússia, Itália, etc.

Mas o nosso país representou um papel determinante na invenção do cinema e em sua difusão mundial. Em 1888, Jules Marey apresentou à Academia de Ciências o primeiro aparelho de tomadas de vistas, posteriormente aperfeiçoado por Edison, Le Prince, Friese Greene e Louis Lumière. Em 1892, Demeny, colaborador de Marey, projetava sobre uma tela fotografias animadas, enquanto que, no Museu Grévin, Emile Reynaud, artista e artesão genial, começava as representações de seus desenhos animados, que se prolongaram por oito anos e foram em todo o mundo os primeiros espetáculos de projeções animadas.

A 22 de março de 1895, em Paris, na sala da «Société de Études à l'Industrie», na Rua dos Rennes, 44, em Saint-Germain-des-Prés, um jovem industrial lionês projetava, pela primeira vez ao público, um filme de «cinematógrafo»: «A Salda das Fábricas». O sucesso foi grande. E após diversas de-

monstrações em Paris («Revisita Geral das Ciências», de 13 de julho de 1895), Bruxelas (10 de novembro), Lyon (10 e 12 de junho no Palácio da Bolsa) na Sorbonne (16 de novembro), foi alugada uma sala em Paris no Boulevard des Italianos, onde eram mostrados diariamente os filmes do «cinematógrafo». A primeira representação teve lugar a 28 de dezembro de 1895, data que marcou o fim do período dos inventores. Terminara a fase das pesquisas e começara o reinado do cinema.

A prova de que o aparelho «cinematógrafo» teve uma importância mundial é dada pela filologia. Para designar a nova arte, um novo espetáculo, uma nova indústria, os franceses, ingleses, italianos, portugueses e brasileiros chamaram-no de cinema; os espanhóis, mexicanos, argentinos, etc. dizem cine; e se os norte-americanos designam-no por «motion picture» (imagem em movimento) escolheram recentemente o nome «cinemascope» para indicar uma nova forma de fotografias animadas. O papel da França não se limitou às invenções mas é

também considerável no que se refere ao espetáculo. Os filmes realizados por Louis Lumière causaram, por sua técnica e seus temas, uma verdadeira revolução, perto dos quais as primeiras fitas, as de Edison, eram balbuciosos informes. O catálogo de Irmãos Lumière & Cia. contém os primeiros documentários, filmes cômicos, jornais, reportagens, etc., ao mesmo tempo que as primeiras «montagens». Após dois anos de sucesso — que deram à firma lionesa milhões de francos-ouro — a voga do espetáculo passou rapidamente. Coube a outro francês oferecer ao mundo a «mise-en-scène» cinematográfica.

Em seu teatro de pôses, em Montreuil, primeiro estúdio construído no mundo, Georges Meliés utilizou para seus filmes «decoros», atores, cenários-técnicos, maquiagem, maquiagem, truques, etc., e lançando o cinema no caminho do teatro — fez-lo conhecer uma revolução decisiva. Se o novo espetáculo mereceu uma sala especial em Los Angeles, em 1902, é que ali se projetava «A Viagem à Lua», de Georges Meliés. E nos subúrbios

de Los Angeles existia uma localidade obscura chamada Hollywood.

Com os princípios da arte do cinema, Georges Meliés colocou as bases de sua indústria e de seu comércio internacional. Ele próprio ultrapassou o artesanato. Mas, demarcando e ampliando seus métodos, Charles Pathé e depois Leon Gaumont tornaram o cinema numa grande indústria. Já em 1902-3, Gaumont tinha sucursais em Londres, New York, Berlim, Viena, Moscou, Rostov-sobre-o-Don, Turim, Roma, Milão, Bruxelas, Singapura, Tóquio, Pequim, Changai, Calcutá, Budapeste, Rio, Buenos Aires, etc. Seu império estendia-se pelo mundo inteiro. Em muitos países suas agentes introduziram a produção de filmes, desconhecida até então, ou incrementaram-na consideravelmente. Nos Estados Unidos, em 1909, Pathé vendia mais filmes que todas as empresas norte-americanas juntas. Até 1914, a arte e a indústria do cinema francês

Nos momentos difíceis, sempre que a desconfiança em minhas próprias forças me abate o ânimo, e a vida reclama decisões rápidas e audazes que minha vontade embolada me impede tomar, lembro uma velha história ouvida há muito, no Baku, dos lábios de um homem que esteve deportado, fará coisa de quarenta anos.

E' tão notável o efeito que me causa, e a tal ponto exalta e revigora minha vontade, que fiz desta breve narrativa uma tallamã, um conjuro, esse juramento íntimo que cada um se presta a si mesmo e' o meu hino.

Eis a história, reduzida às dimensões de um conto, para que qualquer um a possa narrar.

Estava-se na Sibéria, cerca de uns quarenta anos atrás. Os deportados de vários partidos se haviam juntado numa reunião clandestina. O informante devia chegar de uma colônia vizinha. Tratava-se de um revolucionário

A FÔRÇA DA PALAVRA

Conto de PIOTR PAVLENKO

Nos momentos difíceis, sempre que a desconfiança em minhas próprias forças me abate o ânimo, e a vida reclama decisões rápidas e audazes que minha vontade embolada me impede tomar, lembro uma velha história ouvida há muito, no Baku, dos lábios de um homem que esteve deportado, fará coisa de quarenta anos.

E' tão notável o efeito que me causa, e a tal ponto exalta e revigora minha vontade, que fiz desta breve narrativa uma tallamã, um conjuro, esse juramento íntimo que cada um se presta a si mesmo e' o meu hino.

Eis a história, reduzida às dimensões de um conto, para que qualquer um a possa narrar.

Estava-se na Sibéria, cerca de uns quarenta anos atrás. Os deportados de vários partidos se haviam juntado numa reunião clandestina. O informante devia chegar de uma colônia vizinha. Tratava-se de um revolucionário

tra a correnteza: os gelos poderiam destruir a embarcação, e nem o mais robusto dos pescadores seria capaz de vencer a avalanche em movimento.

Mas os partidários de esperar, conhecendo o homem que se aguardava, não davam o braço a torcer.

— Virá — afirmavam — ele prometeu e virá na certa.

— Há circunstâncias de força maior — obstinavam-se os primeiros.

E a discussão cresceu. De repente, ouviu-se uma revoadada por trás das janelas: agitavam-se os meninos que brincavam nas imediações da isba; os cães entraram a ladrar; os pescadores, inquietos, correram para o rio.

Um quadro surpreendente mostrou-se aos deportados, quando saíram da isba. Rio acima, contra os gelos fenidos, um barco avan-

va lentamente, descrevendo ziguezagues. Erguia-se na proa um homem seco, vestindo pelica e gorro de orelheiras; susinha entre os dentes um cachimbo fumegante e, valendo-se de um gancho, ia afastando, sereno e pausado, os escolhos que assediavam a embarcação.

De início, ninguém prestou atenção em como o barco vencía a correnteza, sem velas nem moto; mas quando foram até o rio, ficaram admirados da margem, um tiro de cães o puxava.

Até então, ninguém pensara em semelhante recurso naq. elas paragens. E os pescadores moviam a cabeça, assombrados.

O mais velho comentou: — Aquel viveram nossos pais e avós, e nenhum deles se atreveu a tanto!

Rio acima, contra os gelos fenidos, um barco avan-

"NOSSA PREOCUPAÇÃO É ENCENAR PEÇAS NACIONAIS"

— POR QUE SE MANTÉM O MUNICIPAL FECHADO AO TEATRO BRASILEIRO? — A PREFEITURA COBRA CR\$ 12,10 EM CADA INGRESSO DE TEATRO. QUE FAZ COM ELES? — O GOVERNO E A CULTURA: UM AVIAO A JATO CUSTA 20 MILHÕES; UM TEATRO CUSTA 2 MILHÕES

Impossibilitados de conhecer seus artistas, autores e espetáculos nacionais, enquanto se empanturram com as maiores cretinices estrangeiras, principalmente de Hollywood. Mais uma vez cabe toda responsabilidade ao governo. Isso é assunto que o Ministério da Educação devia levar em conta.

INTERCAMBIO COM TODOS OS PAISES

— Não acha que o nosso teatro vive muito isolado? — Exatamente! — diz Armando.

— Totalmente! — exclama Ludy Veloso. — Assim como vemos um bom espetáculo italiano, estou certa que um bom espetáculo nacional seria visto com agrado lá fora. As poucas companhias que têm ido a Europa, sem nenhuma ajuda oficial, fazem muito boa figura. Por que o governo, através do Itamaraty, juntamente com o S. N. T., não promove tais excursões, a exemplo do que fazem os governos italiano e francês? Nós devíamos ter o maior intercâmbio teatral com todos os outros povos!

— Veja o caso do nosso grande Rodolfo Mayer que seguiu para Europa por sua exclusiva conta! Quanto não deu Rodolfo Mayer para os cofres públicos, somente com as representações de «As Mãos de Eurídice»! A indiferença do governo pelo teatro clama aos céus!... — desabafa novamente Armando, agitando-se de um lado para outro. — E não se diga — continua com calor — que autores como Martins Pena, Artur de Azevedo, Oduvaldo Vianna, Joracy Camargo, R. Magalhães Jr., Fornari, só para citar alguns, não seriam recebidos com agrado. Não acredito em complexo de inferioridade nacional. Veja o caso de Pedro Bloch: suas peças recebem aplausos de todas as platéias. Essa é a resposta aos pessimistas...

Como artistas, que me dizem da campanha pela interdição das armas nucleares?

— Considero a coisa mais nobre e meritória! — Adiantou-se Armando Couto. — Atualmente é tão difícil viver que, se nós ficarmos preocupados com esses engenhos de morte, não teremos nenhuma tranquilidade para criar. E pareço-me que criar ainda é mais importante do que destruir.

Ludy Veloso, confirmando as palavras do companheiro: — Esse assunto até nos põe nervosos. Como é que seres humanos ainda pensam em matar quando há tanta coisa bonita para se fazer? Não seria mais sensato que se usasse a energia atômica em benefício da vida humana? A ciência é como a arte, visa o bem-estar, sonha com um mundo de paz e tranquilidade. Sou pela vida contra a morte! Acredito na concordia humana, onde há lugar para a ternura e o carinho fraterno.

O assunto é contagiante. As horas passam e nem percebemos. Olhamos o relógio: passam das três da madrugada. Muita coisa ainda poderia ser dita mas preferimos terminar ali, pois o casal de artistas deveria descansar para a luta do dia seguinte.

usar um imóvel público, como é o caso do Municipal... Outra coisa terrível para o nosso teatro, são os alugueis exorbitantes que nos cobram. E, por fim, a necessidade de se formar profissionais. Não são os atores, mas técnicos para as diversas es-

propaganda, junto-se a isso despesas com cenários, operários e artistas, só poderemos atender a essas despesas com preços elevados dos ingressos. O interessante é que o governo é o ator mais bem pago e que nunca aparece em cena! Em Cr\$...

Cr\$ 80.000,00 de «navalios», é preferível encenar o nosso Abílio Pereira de Almeida, cujas peças apresentam nossos costumes, nossas tradições e atraem muito mais público sem nenhuma exigência descomunal. Veja o caso de Silveira Sampul: só ganha dinheiro com as próprias peças. E, recentemente, o mesmo Abílio Pereira de Almeida, fazendo sucesso aqui, com «Paiol Velho», em S. Paulo, com «Santa Maria Fabril S. A.». Esta última está deixando atrás todos os autores estrangeiros.

A RESPONSABILIDADE DO GOVERNO

Ludy Veloso diante da importância de seu companheiro de palco, atalha com espírito prático:

— O governo deveria construir teatros bem localizados, confortáveis, com preços baratos, e nós faríamos magníficas temporadas com a prata da casa. Infelizmente a migalha que vai para o Serviço Nacional de Teatro, até agora nenhum resultado prático nos trouxe. Ao governo competiria estimular o autor nacional, principalmente o novo, com prêmios de viagem, publicação de suas obras e a oportunidade de ser representado, assim estaria cuidando da formação de nossa dramaturgia. Como estamos, jamais atrairíamos grandes valores literários para o teatro.

O assunto é de tal forma emocionante que os dois artistas quase falam ao mesmo tempo. Numa prova eloquente da sinceridade dos dois, em querer apresentar soluções imediatas no sentido de melhorar nosso panorama teatral. E Armando Couto desabafa:

— Olhe, meu caro, se o governo me fornecesse um crédito de Cr\$ 2.000.000,00 eu construiria imediatamente um teatro; acredito que assim como eu, os demais empresários também faríamos o mesmo. Não creio que, somando todos os empresários em evidência, se alcance com esse crédito o valor da compra de dois aviões a jato, os quais, com franqueza, ainda não conseguirei ver e, se não me enganar, custa cada um Cr\$ 20.000.000,00! Bastava o preço de um avião para minorar a situação do nosso pobre teatro...

— Por que as companhias teatrais não excursionam mais amidade pelo interior? — Os problemas se entrelaçam. No fundo a solução é uma só: apoio governamental. No interior o teatro sofre a pressão do cinema americano. Os exibidores querem tudo. Os ingressos são baratos e as despesas muito maiores. Por isso ninguém se arrisca. Agora, temos outro inimigo nos isolando do povo do interior: são as telas panorâmicas. Em todo cinema onde houver uma tela panorâmica é um teatro a menos, é uma cidade a menos no roteiro das companhias. E isso é sumamente perigoso no que se refere ao lado cultural. Ficam milhões de brasileiros



Armando Couto e Ludy Veloso no palco do Teatro de Bólo

pecialidades, porque sem eles também não se faz teatro.

— O público reclama contra a falta de conforto nas nossas salas de espetáculos...

— Por causa da ganância dos donos dessas salas, que só pensam em lucros e nada mais. Por outro lado, cabe grande culpa à Municipalidade que não realiza qualquer fiscalização nesse sentido. Para ela o teatro não existe, os restaurantes são mais importantes.

Como baratear o preço do ingresso sem prejudicar o empresário?

— A verdade é que o preço do ingresso aumenta muita gente do teatro. Mas isso é consequência das enormes despesas que pesam sobre nós. Por exemplo o teatro Cultural Artístico de S. Paulo, tem apenas 300 lugares, cobram 35% a 40% de aluguel, 10% pagamos de direito autoral, 10% para

PEÇAS NACIONAIS

O assunto empolga o ator, que se levanta e começa a passear, agitado. Ludy Veloso interviem:

— Nossa preocupação é encenar autores nacionais. Mas para isso é preciso coragem. Com a falta de garantias financeiras para nós, tornamos uma temeridade a experiência de um novo autor. No entanto, são os autores nacionais que dão as melhores bilheterias. Não Götz, autor desconhecido, com «Uma Mulher em Três Atos», desabou em uma peça de um austríaco, cujo nome não recordo — é um desses nomes arcaicos, do T. B. C., em S. Paulo. Acho que os empresários deviam prestigiar mais os nossos autores.

Armando Couto que ouve atento, aponta:

— Evidentemente. Em vez de levarmos Roussin, Van Druten, Pirandello ou um Frederick Knott, cobrando

NOTAS

A revista «Encontro», do Recife, se vem juntar às muitas publicações surgidas nos últimos tempos, e que atestam uma efervescência benéfica em nossa vida literária. Dirigida por Otávio de Freitas Junior, apresentando boa colaboração em seu primeiro número, «Encontro» é lançada com uma nota que representa os pontos-de-vista, as aspirações, da maioria dos intelectuais brasileiros.

Tudo começou com uma nota do sr. Raul Lima sobre «A Véspera de Deus», romance do sr. Alceu Marinho Rêgo. O cronista fez algumas restrições ao livro, no tom que imprime à sua coluna, examinando em termos gerais o que lhe pareceram falhas. No domingo seguinte, outro suplemento publicava um artigo do sr. Alceu Marinho Rêgo em resposta à crítica. Duro, agressivo, real, humorado. A princípio se queixa da ausência de críticos, do «-asso que andam os ensaios do que isso acarreta aos estreantes. Mas depois o autor de «A Véspera de Deus» larga êses diapa-sões mais ou menos aceitáveis e desce ao ataque pessoal. Uma semana passou e vem o sr. Raul Lima, num artigo sem citar nomes, aludindo ao direito do simples leitor em comentar um livro, falando na posição do escritor e dizendo outras coisas razoáveis. É possível que o incidente esteja encerrado.

Esse, como vários casos semelhantes, dão uma pequena mostra do quanto é difícil o exercício da crítica literária nos dias de hoje. Criou-se em determinados círculos um ambiente de reação violenta à mais leve restrição, nem sempre as agressões se reduzem à letra de forma. E é explicável que boa parte dos nossos críticos se voltam para os ensaios em forma de autores estrangeiros. Diante disso, não estranhamos as descrenças, os pseudônimos impenetráveis, a pouca atividade de alguns. Estes chegam mesmo a ignorar o nome do que de melhor se escreve. E o leitor não fica satisfeito com a última crítica. Fica na verdade, com a única...

pais ilustres, há algum tempo desaparecidos. Revelando uma feição mais íntima desses vultos, trazendo aqui e ali um elemento valioso para o estudo de qualquer dos nomes focalizados, o livro de Francisco de Assis Barbosa é uma excelente contribuição à nossa bibliografia. São diversas as figuras de que trata, entre elas Ruy Barbosa, Miguel Pereira, Rodrigues Alves, Farias Brito, Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Miguel Couto, Alphonso de Guimarães e Francisco Bicalho. Os retratos se sucedem vivos, feitos com penetrante observação, atraentes e fortes, impregnados de calor humano. Trechos de cartas, referências precisas, algumas certamente em primeira mão, tudo isso faz de «Retratos de Família» um documentário à altura dos trabalhos anteriores de Francisco de Assis Barbosa, em que se destaca «A Vida de Lima Barreto».

Certo poeta, numa entrevista recente, afirmou que a poesia estava perdendo terreno. Isso se refere, provavelmente, ao número sempre menor de estréias em verso, pelo menos em relação ao que sucedeu há alguns anos. Daí a conclusão, naturalmente absurda. O que acontece, e já foi notado, é talvez fruto de maiores exigências em relação aos jovens poetas. Na realidade, terminou a fase áurea da geração de 45, em que se podia versejar impunemente com vinte palavras, fazer combinações diversas, e com isso merecer o rótulo desejado. Hoje o cantar é outro. A linguagem cifrada não causa tanto efeito, é preciso, no mínimo, conhecer um pouco o verso. A pesquisa de ritmos, o estudo da poética, o exame de elementos populares, voltaram a ser caminhos naturais.

Um livro sobre verso e métrica como o de M. Cavalcanti Pimenta é recebido com a devida atenção. Peir Campos inicia em suplemento a publicação do seu «Dicionário de Poética». Outros fatos, igualmente sérios, afastam cada vez mais o traço de iliciteza que se pretendeu marcar a poesia. E os estreantes, diminuíram em quantidade, dizem então que a poesia está a perder terreno? Não nos parece. O que vemos é uma seleção maior, que somente beneficia o leitor, o poeta inocente e naturalmente a poesia.

OBRAS COMPLETAS de ASCENSO FERREIRA

ZORA SELJAN

O Boi Mussu viajou no bolso da poltrona. Quando atingimos as altas esferas, assustou-se e parodiando o coronel que pela primeira vez tomava um trem, berrou: — «Deixe de grandeeza, dona. Pare esta geringonça, chame o dono do carro para receber de volta as passagens, e vamos a pé, que esta besteira não presta não».

Mas voltávamos a grande altura e o rude filho de Vitalino teve de se conformar. Agora me olha com seus olhos imensos, naturalmente espantado de se ver tão longe.

Foi um presente de Ascenso Ferreira. O curioso é que o boi se parece com o poeta e olhando-o, espero a cada momento ouvir o declamar:

— «Os engenhos da minha terra»... São versos que me ficaram dançando na memória. E aquele outro do prachinha respondendo à família sertaneja:

— «As italianas se trajam bem?... «Menino, tu viste por lá o tal do Moscou?». Uma manilha de sol, na Rua Quarenta e Oito, do Espinheiro, Ascenso foi entrando pela casa a dentro, acompanhado de uma linda menina. Viera nos mostrar a filha querida, para a qual trabalhava muito, pois desejava vê-la amparada.

O poeta não vive dos seus versos, assim como a maioria dos nossos escritores. Tem de se virar, cansado e aflito, o dia inteiro, no calor feroz do Recife, fazendo correteagem. Ah, se ele pudesse só escrever... Mas a sua única propriedade, a fazendinha que comprou para Maria Luiza, dá prejuízo. É preciso arranjar dinheiro para tocar a e para rir as contas. O poeta sofre porque vê o tempo passar. Pensa que um dia não estará mais conosco e a música dos seus versos se perderá. Só ele mesmo é capaz, de declamar,

no tom preciso, a fala dos videntes que foi ameaçada pelas estradas e pelos engenhos.

— Getúlio era meu amigo, mas nós fomos casados com separação de bens — diz ele trocando. E continua: — Uma vez animei-me a pedir-lhe que me facilitasse a gravação da minha poesia. Em vez de me mandar para o Gregório mandou-me para o Ministério da Educação e até hoje estou esperando a resposta.

Creio que fui o primeiro poeta, em nossos dias, a aproveitar a Europa ditava uma poesia cada vez mais harmônica e distanciada do povo, influenciando os brasileiros, só eu me mantive fiel à terra. Por isto muita gente não me deu valor, não soube me compreender.

— Mas a sua recompensa — disse-lhe — está no próprio povo. Acho que você é dos poucos poetas brasileiros cantados pelo povo, assim como Guillén, em Cuba.

Ascenso gostou e volta e meia citava a minha opinião.

Agora, olhando o Boi Mussu, lembro-me da história da

preguiça, da de Cunegundes, ou daquela do capitão da guarda nacional. Estas e outras são a prova evidente da imaginação maravilhosa do Nordeste. Ascenso é um grande contador destas histórias, em muitas das quais edifica seus poemas.

Suas obras completas estão no prelo de uma editora pernambucana. Aparecerão até o fim do mês, com ilustrações variadas.

Penso que em meio a sua vida tribulada, a má fortuna que também perseguiu Romero e Camões, Ascenso é feliz. Dentro dele brilha uma estrela rara: a consciência de que a poesia não é inútil. Está satisfeito com sua obra — espalhou alegria, otimismo, confiança na vida. Para ele a poesia não morreu. Ao contrário do que prediziam certos críticos, Ascenso não decalca. Cada vez é mais forte, cada vez exprime com mais propriedade o sentimento do povo.

E quer deixar também gravada a voz, para que as gerações vindouras ouçam a fala antiga dos canaviais.

— Adeus morena do cabelo cacheado... »



TRABALHADOR — Desenho de Cândido PORTINARI

Graciliano Ramos, um Homem Otimista

MILTON PEDROSA

FOI moda chamar Graciliano Ramos de pessimista. Durante os últimos anos de sua vida e logo após a sua morte, escritores e críticos em geral, e dentre eles muitos dos mais chegados ao romancista timbraram em acentuar um aspecto negativo que pretendiam encontrar em sua obra ou em sua conduta de todos os dias. Na verdade, só o fato da filiação política de Graciliano Ramos tira qualquer argumento sé-

interpretação mais justa do homem e de sua obra. Essas palavras iniciais vão-me levando por outros caminhos, que não o de lembrar a figura do velho Graciliano, num encontro mais demorado, fora das atribulações diárias da vida do Rio de Janeiro. Foi em 1917 ou 1918 — não me lembro bem — em Belo Horizonte.

Em muitas outras ocasiões a vida nos aproximou e nos manteve unidos diariamente. Jamais poderei esquecer as

todos conheciam mas também, o observador interessado, em tudo conhecer, em não perder tempo em conversas inúteis. Era um tempo de lutas — muitas das quais hoje continuam e sobre elas conversamos pela noite dentro, aonde quer que fôssemos, do mesmo modo que falávamos sobre planos literários ou literatura em geral. Não vou dizer que nós o escutávamos e era apenas o velho Graciano quem falava. Não, ele não era desses. Jamais foi um monopolizador ou dono da verdade. Experiência ou inexperiência, o interlocutor tinha nele um ouvinte atento, sempre pronto a contestar de modo brusco aquilo com que ele não concordasse, porém nunca — indiferente. Hoje seria inútil tentar lembrar de todos os assuntos daquela noite belorizontina. Mas nela, como em muitas outras ocasiões, o que se sentia em Graciliano era sempre o homem interessado nos problemas da humanidade e de seus semelhantes, um homem que acreditava no futuro e que do futuro esperava o mundo melhor porque sempre lutou — principalmente, à sua maneira, protestando contra o mundo em que viveu. Confindi o caustico de suas palavras com pessimismo e, antes de tudo, desconhecer o que havia de mais característico em Graciliano Ramos: o protesto contra. Protesto contra a ignorância, protesto contra a burrice, contra a má fé, contra o mau estilo ou a exploração do homem pelo homem...



Graciliano Ramos

rio a estas afirmações. Pessoa alguma que abrace doutrina política que tem como perspectiva um mundo melhor e assente na certeza de um futuro de felicidade para o homem, poderá ser taxado de pessimista. O que havia no autor de «Vidas Secas», e se manifestava através de sua obra e de sua conduta diária, era o permanente protesto contra um estado de coisas, que ele desejava ver liquidado o mais rapidamente possível. Que desejado e que esperava ver liquidado. Seus últimos planos literários constituem outro testemunho de como o romancista olhava os dias futuros para toda a humanidade. O que havia também é que muitos confundiam — e confundem — a precisão de linguagem do escritor com intenções que muitas vezes sequer passavam pela sua mente. Sua tremenda ogeriza à deturpação do valor dos vocábulos, das expressões da língua, sua idiosincrasia ao lugar-comum deviam servir de ponto de partida para uma

conversas curtas que mantinhamos em rápidos encontros, à saída dos jornais onde muito nos exigiam e pouco nos pagavam. Ou das reuniões nos círculos literários, onde às vezes o romancista esmurraava a mesa para contestar com veemência o plano de um conto que acabávamos de esboçar. Ou em Encontros de escritores e artistas, onde ele escutava atentamente os debates, concordasse ou não com as afirmações, mas convicto de que o essencial era compreender e unir para a luta.

Mas aquele encontro de Belo Horizonte ficou como o mais importante, talvez por ser o primeiro, talvez por ter sido o mais prolongado. Graciliano havia chegado do Rio. Juntamente com Fritz Teixeira de Sales, encontrei-o na véspera do dia em que ele devia regressar.

E juntos, às 6 da tarde às 6 da manhã, conhecemos mais a capital mineira do que eu o havia feito durante 10 anos. E' que o velho Graciano se revelava para mim não só o grande conversador que

Corre hoje em dia, em tom de anedota e como prova de seu pessimismo aquele episódio em que o velho Graciano aparece, no fundo de uma livraria, respondendo a alguém que o cumprimenta com um «Bom-dia»:

— Você acha?... Seria muito mais lógico ver-se ali não o pessimismo do homem mas o protesto do escritor e estilista contra o lugar-comum que é um «Bom-dia», lançado displentemente e sem nenhum conteúdo de simpatia humana... Estamos habituados a dar e a receber diariamente esta saudação, com ou sem propósito, e por experiência própria qualquer um de nós sabe o que ela tem de banal e de lugar-comum...

Mas não desejamos aqui fazer um estudo sobre a personalidade do velho e querido Graciano, e sim apenas fixar a lembrança de um episódio em que se patenteia seu otimismo e o otimismo do homem que se liga àquela corrente que se liga à própria juventude do mundo. E bem sabemos que a juventude não tem razões de pessimismo.

WALDEMAR ARGOLLO

(Carioca)



TECNICO ELETRICISTA AUTOMOTRIZ. GRADUADO POR HEMPHILL SCHOOL DE LOS ANGELES, CALIFORNIA.

ASSISTENCIA TECNICA DE ELETRICIDADE E AUTOMOVEIS

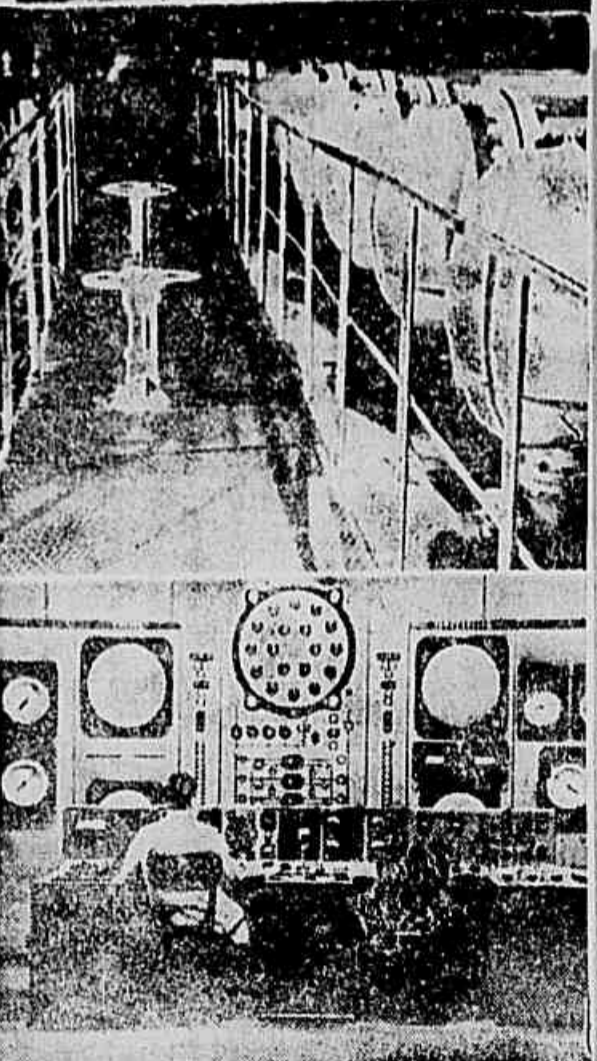
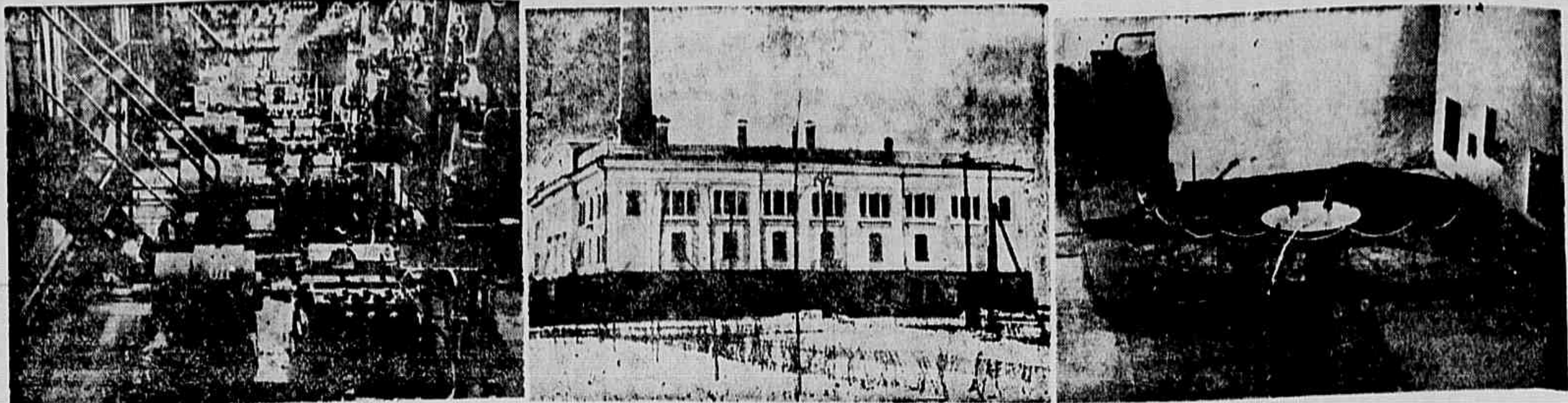
Estrada Monsenhor Felix, 325

IRAIA — RIO DE JANEIRO

Cr\$ 150,00

Ótica Continental

Rua Senador Dantas, 118



A USINA ATÔMICA SOVIÉTICA

PRIMEIRAS fotos da central elétrica industrial da 5.000 quilowatts movida a energia atômica, inaugurada na União Soviética em 27 de junho de 1954. Esta central elétrica atômica, projetada pelos cientistas e engenheiros soviéticos, é o primeiro passo para o uso da energia atômica para fins pacíficos. A partir do ato à esquerda vemos: — Vista da parte superior da pilha atômica que é recoberta com proteção de concreto a fim de evitar que as pessoas que trabalham na central elétrica atômica sejam prejudicadas pelo reator. É a primeira vez que a turbina de uma central elétrica não é impulsionada por carvão ou quaisquer outras espécies de combustível, mas pela energia atômica.

— Aspecto do edifício da primeira central elétrica atômica da Academia Soviética de Ciências. É neste edifício que a pilha atômica é equipada e os núcleos do urânio se desintegram.

— Casa das bombas da primeira central elétrica atômica da União Soviética.

— A parte central da sala de controle da primeira central elétrica atômica da União Soviética. A pilha atômica e outros equipamentos da central são controlados e dirigidos desta seção.

— Vista parcial da turbina a vapor da primeira central elétrica atômica da União Soviética. A turbina a vapor é operada por vapor em alta pressão.

(Fotos, distribuídas pela INTER-PRESS)

A VOZ dos juristas, levantando-se contra as experiências, não apenas de armas de extermínio maciça, mas de invenções e engenhos que põem em perigo iminente a integridade e a própria existência da humanidade, não poderia faltar dentro as manifestações públicas do mundo inteiro.

Já na sessão do Conselho da Associação Internacional de Juristas Democratas, realizada em junho de 1954, em Leipzig, diversos estudos foram apresentados por eminentes juristas de vários países, dentre os quais recordo-me particularmente dos trabalhos dos professores Y. Hirano, Iekio Yamanouchi, ambos da Universidade de Tóquio; J. Jodlowsky, da Universidade de Varsóvia, e uma contribuição do Haidane Society, de Londres; Jean Fonteyne, de Bruxelas; M. Thilhescu, Presidente da Corte Suprema da România; M. Grigorov, membro da Comissão de Arbitragem do Estado da Bulgária, e M. Jacquier, advogado em Paris, todos eles evidenciando o atentado ao Direito Internacional, resultando não só do emprego como mesmo da preparação e experiências das armas termonucleares, tendo o Conselho votado por unanimidade a seguinte resolução:

«O Conselho da Associação Internacional de Juristas Democratas verifica que:

a) As armas atômicas e termonucleares, antes de tudo, armas de destruição maciça destinadas ao massacre das populações civis;

b) As consequências já conhecidas das experiências de pescadores japoneses e causaram grande perturbação na economia de um país que foi a primeira vítima da bomba atômica, revelam as ameaças que podem resultar para outros países tais experiências. Essas constatações permitem afirmar em primeiro lugar que a utilização das armas termonucleares em uma guerra constituiria uma caracterizada violação dos princípios essenciais do Direito Internacional, tal como foram definidos em numerosas convenções.

1.º) As convenções de Haia de 1907 sobre as leis e usos de guerra, admitindo que os beligerantes não têm uma liberdade ilimitada na escolha dos meios que possam ser empregados para causar danos ao inimigo. É proibido particularmente atacar diretamente as populações civis.

2.º) O Protocolo de Genebra de 1925, que proíbe os meios de guerra bacteriológicos, assemelhando-os às armas químicas, é uma aplicação dessa limitação dos meios de guerra, tendo em vista a proteção das populações civis.

3.º) O Estatuto do Tribunal de Nuremberg, cujas disposições foram reconhecidas pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas como uma expressão autorizada do Direito Internacional Geral, declara que a extinção assim como qualquer outro ato humano cometido contra todas as populações civis, antes ou durante a guerra, pode constituir um crime contra a humanidade.

4.º) A Convenção de 9 de dezembro de 1948 sobre a prevenção e a repressão do crime de genocídio condena os atos praticados ou tentados contra grupos nacionais com intuito de os aniquilar.

Por outro lado, as experiências levadas a efeito no Pacífico não só são contrárias aos princípios do Direito das Gentes. Sobre tudo quando os seus autores confessam que não são senhores dos seus efeitos.

Entravando por tempo ilimitado a navegação e a pesca sobre imensos espaços, elas determinam uma violação sem precedentes à liberdade dos mares, cuja própria existência se acha assim comprometida.

Além disso, a jurisprudence internacional reconheceu que os Estados não têm o direito de praticar atos suscetíveis de causar danos aos outros Estados.

O Conselho da Associação Internacional de Juristas De-

PROSCRITO HÁ QUASE MEIO SÉCULO O EXTERMINIO DAS POPULAÇÕES CIVIS

DESDE 1907 FOI NEGADA AOS BELIGERANTES LIBERDADE ILIMITADA NA ESCOLHA E EMPREGO DE ARMAS DE GUERRA — REPÚDIO DA CONSCIÊNCIA JURÍDICA UNIVERSAL AO EMPREGO DE ARMAS DE EXTERMINAÇÃO MACIÇA — INTEGRA DO IMPORTANTE DISCURSO PRONUNCIADO PELO DESEMBARGADOR HENRIQUE FIALHO

N. da R. Publicamos abaixo o discurso pronunciado pelo Desembargador Henrique Fialho, no Auditório da A.B.L., na noite de 11 p.p., quando do ato público ali realizado, para o lançamento da campanha nacional contra a preparação da guerra atômica.



democratas proclama solenemente que o respeito ao Direito Internacional impõe a imediata conclusão de um acordo sobre a interdição controlada da fabricação, da armazenagem e da utilização de todas as armas de destruição maciça, e em particular das novas armas termonucleares, assim como a imediata cessação das perigosas experimentações dessas armas.

O Conselho estima que as conversações em curso sobre a utilização pacífica da energia atômica daria ao mundo uma falsa impressão de segurança se elas não admitem, como ponto de partida, a necessidade de um acordo sobre a completa abolição das armas termonucleares.

O Conselho salda as iniciativas recentemente tomadas por diversos Parliamentos para reclamar a interdição das armas atômicas.

Ele conclama os juristas de todos os países a tudo fazerem para assegurar nesse domínio o respeito ao Direito Internacional que corresponde às profundas aspirações de todos os povos.

Posteriormente à reunião do Conselho da Associação Internacional de Juristas Democratas, em Leipzig, dados e informações mais recentes vieram evidenciar de forma impressionante, não só o acerto daquela resolução, como a urgência que se impõe à sua adoção pelos países responsáveis, na hora atual, do destino da humanidade, e acima de tudo o incontestável direito dos povos de todo o mundo de exigir a imediata cessação de toda e qualquer experiência dos incontroláveis engenhos de explosões termonucleares.

Quero referir-me, particularmente, à comunicação do eminente e mundialmente conhecido físico Charles Noël Martin, apresentada em 15 de novembro de 1954 à Academia de Ciências de Paris, pelo ainda mais notável e conhecido cientista, Prêmio Nobel, Louis de Broglie, que produziu imensa repercussão.

O professor Charles Noël Martin sublinhou as consequências dramáticas das experiências dos engenhos atômicos e termonucleares, consequências que segundo informou, são de quatro ordens: químicas (a diminuição do grau de acidez da água das chuvas, suscetível de provocar uma completa desregulação do metabolismo das plantas); climáticas (modificação do regime das chuvas e dos ventos); radioativas (aumento da taxa atual de 15 desintegração por minuto e por grama do carbono vivo); genéticas (uma variação ainda que ligeira da taxa de radiação natural ambiente conduziria, a longo termo, a efeitos genéticos importantes e irreversíveis).

Em resumo, conclui a nota do Sr. Charles Noël Martin:

de dois anos para cá houve cerca de dez explosões de bomba-H; a energia de cada uma delas varia entre 3 e 50 megatons, isto é, o equivalente de 1.000 a 2.500 bombas atômicas «Fatima-2», do tipo Hiroshima-Bikini. Os fenômenos postos em jogo ultrapassam a considerável modificação segundo uma lei que não será necessariamente linear.

Já não se trata apenas, portanto, de prevenir o futuro: de impedir que em uma possível guerra sejam empregados esses desumanos meios de destruição, de extermínio maciça, indeterminada. Já não se cogita somente do respeito ao princípio universalmente aceito e proclamado, proposto por Grotius do Mare Liberum, posto por Grotius do Mare Liberum.

Já agora, como adverte aquela nota impressionante do sábio Charles Noël Martin, endossada pelo eminente físico Louis de Broglie, e como ainda há poucos dias expôs em excelente, minuciosa e claríssima conferência o notável químico brasileiro Jacques Danon, a continuação de tais experiências constitui um perigo atual, que já está, aliás, causando perturbações e danos vários, verificados no Japão e em outros países.

Assevera-se que a explosão de determinado número de bombas termonucleares, tornaria impossível a vida na terra, mas claro está que antes mesmo de atingir esse número fatal de explosões, a continuação dessas experiências vai progressivamente aumentando as suas consequências deletérias.

Se considerarmos, pois, que a fabricação de tais engenhos não constitui hoje nenhum segredo nem impossibilidade insuperável; que além dos Estados Unidos são fabricadas bombas-H na União Soviética e já a Inglaterra anuncia que está também em vias de fabricação para experiências desses instrumentos de envenenamento da atmosfera terrestre; que nada impede, do ponto-de-vista técnico, que a China, o Japão, a Alemanha, a França, a Itália, e muitos outros países também iniciem a fabricação de semelhantes engenhos, e se todos eles, considerando-se com iguais direitos, se puserem a fazer dessas experiências por todos os lados, é fácil imaginar que dentro em pouco tempo os efeitos se farão sentir trágicamente como está previsto.

PRETENDE-SE que as dificuldades para fabricação, não só de ordem técnica mas sobretudo de ordem econômica, constitui o principal obstáculo a que possam ser fabricados e experimentados pela maior parte dos países, esse pavoroso engenho de destruição e extermínio, mas, mesmo pondo de lado o que há de odioso nesse monopólio internacional, baseado essencialmente no poder do ouro, é certo que dia a dia se aperfeiçoam e simplificam os processos de fabricação, tornando pelo barateamento cada vez mais acessível a maior número de países.

Acima de tudo, porém, é fora de dúvida que nenhum princípio jurídico pode ser fundado exclusivamente na capacidade técnica e econômica de países afortunados, para reconhecer a estes o direito de destruir a humanidade. São essas simples e sumárias considerações que em nome da Associação Brasileira de Juristas Democratas a que tenho a honra de pertencer eu frago, com o apelo a todos os juristas brasileiros para que empreguem toda a sua capacidade e esforços no sentido de assegurar nessa magna questão a observância e o respeito ao Direito Internacional para o bem e a própria sobrevivência de toda humanidade.

passam gradualmente para o campo dos comunistas. O Partido Comunista, perseguido mas invencível, torna-se um centro de atração de todos os representantes honestos da cultura, pois o Partido é a única força conseqüente que defende a dignidade nacional da Pátria.

O patriotismo dos comunistas brasileiros, seu amor ilimitado ao povo, estão indissolavelmente ligados aos grandes sentimentos do internacionalismo proletário e da solidariedade internacional.

da solidariedade internacional. A imagem da União Soviética eleva-se ante os olhos dos valentes militantes da clandestinidade brasileira. Eles falam sobre nosso país cheios de carinho e de amor filial. O exemplo da U.R.S.S. os inspira e das vitórias de nosso país os comunistas brasileiros extraem forças para novas batalhas contra o inimigo.

O livro mostra como os grandes capitalistas e os latifundiários se satisfazem com as notícias da polícia, segundo as quais o Partido Comunista foi «completamente liquidado».

Mas essa satisfação é apenas passageira, pois, em breve, os reacionários recebem outras notícias que vêm deslindando.

O Partido vive e luta, ressurgindo cada vez mais enérgico e decidido. «Nosso Partido é imortal e invencível porque o comunismo significa vida, elevação do ser humano. Ninguém nos poderá jamais aniquilar». Estas palavras, plenas de verdade, pertencem ao veterano comunista Vitor, chegado à cidade de São Paulo para reorganizar novamente os subterrâneos da liberdade depois de uma investida policial contra a organização local do Partido. Este é o conteúdo do magnífico livro do escritor brasileiro.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

A JUVENTUDE NO NOVO ROMANCE DE JORGE AMADO

A CABA de ser publicado em russo o novo romance de Jorge Amado, «Os Subterrâneos da Liberdade». O autor desse romance é um dos maiores escritores brasileiros, ardente lutador pela liberdade e independência de seu povo, ativo participante do movimento dos partidários da paz.

Esse novo romance — primeira parte de uma trilogia — é toda uma epopéia, na qual a fina análise política e a ampla descrição da vida social do Brasil estão em harmonia com a veracidade e o colorido das imagens artísticas, com a profundidade da observação psicológica.

A primeira parte dessa trilogia abrange o período entre 1937 e 1940. Período assinalado pelo golpe de estado fascista, pela brusca intensificação da reação e pela catastrófica pauperização das massas, cruelmente exploradas pelo bando de governantes rapaces, agentes do capital monopolista norteamericano. A camarilha que se apossou do poder, pensava que conseguiria realizar sem obstáculos seus sombrios desígnios, sem se chocar com a resistência de milhões de operários e camponeses vítimas da fome e do terror. Essa camarilha, porém, logo se convenceu do seu engano. O heróico Partido Comunista, dirigido pelo experimentado lutador da causa do povo, Luiz Carlos Prestes, interpsse-se no caminho da grande burguesia enfurecida. Partindo de uma situação real, Jorge Amado mostra o Partido Comunista como o verdadeiro guia dos trabalhadores. O Partido goza da confiança e educa as massas no espírito revolucionário, mobiliza-se para lutas decididas contra os opressores.

O livro descreve brilhantemente a luta tenaz do povo brasileiro pela liberdade e por um futuro feliz e luminoso. O leitor vê como no processo dessa luta se revelam as melhores qualidades dos comunistas, como se aperfeiçoam sua capacidade de organização, como eles dominam com tenacidade os conhecimentos indispensáveis aos revolucionários profissionais.

«Os velhos e os jovens — escreve Amado — foram unidos o futuro nos subterrâneos da liberdade». Isso se torna claro no emocionante, trágico e grandioso episódio do assalto da polícia à tipografia clandestina. Sua defesa havia sido confiada pelo Partido ao velho comunista Orestes e ao jovem Jofre Ramos, de vinte anos de idade. Rivallizam ambos em valentia e estoicismo, lutam como leões até o último suspiro, e, diante dos inimigos enfurecidos, dinamitam a máquina de imprimir e destroem os documentos do Partido.

Impotente para submeter os comunistas da velha guarda, a polícia tenta conquistar os jovens. Um delegado, o carrasco Barros, nem mesmo através de torturas pôde quebrar a vontade do português Ramiro, de 18 anos de idade, que se sentia orgulhoso por ter sido incumbido pelo Partido de uma missão responsável. Os policiais foram particularmente brutais com esse jovem: espancaram-no, insultaram-no, divertiram-se arrancando-lhe os fios do bigode «do qual o jovem tinha tanto orgulho». Ramiro, porém, não soltou uma palavra sequer, respondendo aos carrascos com um olhar cheio de ódio e desprezo.

Uma das figuras centrais do romance, Mariana de Azevedo, é uma jovem. Outra jovem é a negra Inácia, a «flor do pórtico», que saciava heróicamente durante a luta travada ao se realizar o enterro de um grevista assassinado. Essas duas jovens manifestam intrepidez e a maior fidelidade ao Partido.

Uma brilhante encarnação dessas qualidades é a figura do militante ilegal Gonçalo, gigante intrepido, dirigente amado dos camponeses, aos quais conduz a luta contra a arbitrariedade dos latifundiários e contra a exploração norte-americana. Essa figura está impregnada de força e beleza, e o leitor fica

ativo desse personagem. Fica certo também de que não é em vão que Gonçalo afirma: «Deixe os gringos por nossa conta... Vou levantar até as onças e as cobras contra eles... Pra ensinar que o povo brasileiro não são esses vendidos do governo. Que essa terra é da gente».

Jorge Amado descreve com sarcasmo aniquilador os representantes das classes dominantes, do campo dos opressores, entre os quais o banqueiro Costa Vale, que financia qualquer medida dirigida contra o povo; o fazendeiro Florival, que sonha com o ressurgimento do sistema da escravidão; o aristocrata Artur Carneiro Macedo da Rocha, político que muda de opinião de acordo com o vento; seu filho Paulo, debochado e degenerado que é diplomata; os «liders sindicais» Lima e Puccini, que tramam sombrias manobras; o venal poeta Shapel, para quem nada existe de sagrado. Todos eles são repugnantes em sua avidez, em seu desprezo pelo povo e em sua disposição de vender a Pátria a grosso e a retalho.

Costa Vale, por exemplo, sonha com a «divisão do mundo» entre a Alemanha hitlerista e os Estados Unidos, com a transformação do Brasil numa colônia norteamericana. Ele organiza a grande «Sociedade Anônima Vale do Rio Salgado» cujo objetivo é garantir aos capitalistas dos Estados Unidos o monopólio da exploração das jazidas locais de manganes. Desmascarando a essência cosmopolita e antipatriótica da camarilha reacionária brasileira, Jorge Amado mostra brilhantemente a pobreza espiritual, intelectual e moral da «cultura» putrefata das classes dominantes brasileiras.

O leitor de «Os Subterrâneos da Liberdade» vê que os melhores representantes da intelectualidade burguesa

passam gradualmente para o campo dos comunistas. O Partido Comunista, perseguido mas invencível, torna-se um centro de atração de todos os representantes honestos da cultura, pois o Partido é a única força conseqüente que defende a dignidade nacional da Pátria.

O patriotismo dos comunistas brasileiros, seu amor ilimitado ao povo, estão indissolavelmente ligados aos grandes sentimentos do internacionalismo proletário e da solidariedade internacional.

da solidariedade internacional. A imagem da União Soviética eleva-se ante os olhos dos valentes militantes da clandestinidade brasileira. Eles falam sobre nosso país cheios de carinho e de amor filial. O exemplo da U.R.S.S. os inspira e das vitórias de nosso país os comunistas brasileiros extraem forças para novas batalhas contra o inimigo.

O livro mostra como os grandes capitalistas e os latifundiários se satisfazem com as notícias da polícia, segundo as quais o Partido Comunista foi «completamente liquidado».

Mas essa satisfação é apenas passageira, pois, em breve, os reacionários recebem outras notícias que vêm deslindando.

O Partido vive e luta, ressurgindo cada vez mais enérgico e decidido. «Nosso Partido é imortal e invencível porque o comunismo significa vida, elevação do ser humano. Ninguém nos poderá jamais aniquilar». Estas palavras, plenas de verdade, pertencem ao veterano comunista Vitor, chegado à cidade de São Paulo para reorganizar novamente os subterrâneos da liberdade depois de uma investida policial contra a organização local do Partido. Este é o conteúdo do magnífico livro do escritor brasileiro.

Os jovens soviéticos lerão «Os Subterrâneos da Liberdade» com o maior interesse.

VERA KUTEISCHIKOVA

(Artigo publicado no «Konsomolskaia Pravda», de Moscou).



A escritora soviética Vera Kuteishikova

tida e a causa dos trabalhadores.

O autor descreve com maestria o ambiente no qual se formaram pessoas como Jofre Ramos, Inácia, Ramiro e Mariana. É um autêntico ambiente de Partido. Os comunistas amam o povo, confiam nele e em todas as suas iniciativas e pensamentos se baseiam nos interesses do povo.

Uma brilhante encarnação dessas qualidades é a figura do militante ilegal Gonçalo, gigante intrepido, dirigente amado dos camponeses, aos quais conduz a luta contra a arbitrariedade dos latifundiários e contra a exploração norte-americana. Essa figura está impregnada de força e beleza, e o leitor fica

ativo desse personagem. Fica certo também de que não é em vão que Gonçalo afirma: «Deixe os gringos por nossa conta... Vou levantar até as onças e as cobras contra eles... Pra ensinar que o povo brasileiro não são esses vendidos do governo. Que essa terra é da gente».

Jorge Amado descreve com sarcasmo aniquilador os representantes das classes dominantes, do campo dos opressores, entre os quais o banqueiro Costa Vale, que financia qualquer medida dirigida contra o povo; o fazendeiro Florival, que sonha com o ressurgimento do sistema da escravidão; o aristocrata Artur Carneiro Macedo da Rocha, político que muda de opinião de acordo com o vento; seu filho Paulo, debochado e degenerado que é diplomata; os «liders sindicais» Lima e Puccini, que tramam sombrias manobras; o venal poeta Shapel, para quem nada existe de sagrado. Todos eles são repugnantes em sua avidez, em seu desprezo pelo povo e em sua disposição de vender a Pátria a grosso e a retalho.

Costa Vale, por exemplo, sonha com a «divisão do mundo» entre a Alemanha hitlerista e os Estados Unidos, com a transformação do Brasil numa colônia norteamericana. Ele organiza a grande «Sociedade Anônima Vale do Rio Salgado» cujo objetivo é garantir aos capitalistas dos Estados Unidos o monopólio da exploração das jazidas locais de manganes. Desmascarando a essência cosmopolita e antipatriótica da camarilha reacionária brasileira, Jorge Amado mostra brilhantemente a pobreza espiritual, intelectual e moral da «cultura» putrefata das classes dominantes brasileiras.

O leitor de «Os Subterrâneos da Liberdade» vê que os melhores representantes da intelectualidade burguesa

passam gradualmente para o campo dos comunistas. O Partido Comunista, perseguido mas invencível, torna-se um centro de atração de todos os representantes honestos da cultura, pois o Partido é a única força conseqüente que defende a dignidade nacional da Pátria.

O patriotismo dos comunistas brasileiros, seu amor ilimitado ao povo, estão indissolavelmente ligados aos grandes sentimentos do internacionalismo proletário e da solidariedade internacional.

A União dos Escritores Soviéticos após o II Congresso

Em sua última sessão plenária, em voto nominal e secreto, foi eleita a nova Presidência da União dos Escritores Soviéticos, constituída por 134 escritores, representantes de todas as literaturas nacionais, representantes das Unões das Repúblicas Federadas e Autônomas e das organizações regionais e locais dos escritores.

No mesmo sessão, 42 entre esses 134 membros da Presidência foram eleitos para o Presidium (respeito de direção executiva) da Presidência. São eles por ordem alfabética: Ajuev, Abachidze, Antonov, Auzof, Brian, Evroka, Chukovski, Ermilov, Ehrenburg, Fadeev, Fedin, Gludkov, Gonchar, Karavaeva, Kataev, Karjar, Kornichuk, Lavrenko, Latis, Leonov, Marchak, Markov, Panova, Pogodin, Prokofiev, Polevoi, Polikarpov, Riurikov, Simonov, Smirnov, Smulov, Soblov, Surkov, Tvardovski, Turzina-Zade, Tikhonov, Titchna, Shepachov, Vostova, Vargun, Zorian.

Entre esses 42 membros do Presidium, foram eleitos, na mesma sessão, os 11 secretários da União, que são os seguintes: Ajuev, Bajan, Fadeev, Fedin, Kornichuk, Leonov, Polevoi, Polikarpov, Simonov, Surkov, Tikhonov.

Alexis Surkov foi eleito primeiro secretário.

Boris Polevoi foi eleito secretário de relações estrangeiras.

Desapareceu o cargo de secretário-geral, como já havia desaparecido o cargo de Presidente desde 1936 quando da morte de Gorki, que foi o primeiro e único Presidente da União.

A Presidência (os 134) reúne-se em sessão plenária uma ou duas vezes por ano, em média, quando trata as grandes linhas das atividades da União e discute os problemas relacionados com o desenvolvimento da literatura. O Presidium (os 42) reúne-se mensalmente para estudar o decurso em detalhes sobre as atividades da União e os problemas ligados à literatura. O Secretariado (os 11) aplica cotidianamente as decisões da Presidência e do Presidium, ante os quais é responsável e dos quais depende.